



PARA MIM, VIVER É CRISTO

RODOLFO VALDÉS (COORD.)

PARA MIM, VIVER É CRISTO

Opus Dei

© 2020 Gabinete de Informação
do Opus Dei

www.opusdei.org

ÍNDICE

[Apresentação](#)

[Na alegre esperança de Cristo](#)

Lucas Buch

[Caminhos de contemplação](#)

Juan Francisco Pozo-Rodolfo Valdés

[Chegar à pessoa na sua integridade: o papel dos afetos](#)

Julio Diéguez

[A razão mais sobrenatural](#)

José Ignacio Murillo

[A gratidão leva-nos a lutar](#)

Justin Gillespie

[Sentido de missão \(I\)](#)

Lucas Buch

[Sentido de missão \(II\)](#)

Lucas Buch

[Agradar a Deus](#)

Diego Zalbidea

Apresentação

O que significa ser cristão? Há muitas maneiras de responder a esta pergunta. Talvez uma das mais sintéticas seja a que se repete nas cartas de São Paulo: ser cristão é viver *em Cristo*, viver a nossa vida com Ele, viver a vida d'Ele na nossa. Em Cristo, Deus nos escolheu “antes da fundação do mundo, para sermos santos” (*Ef* 1,4); n'Ele somos batizados para participar da sua morte e ressurreição (cfr. *Rm* 6,1-14); n'Ele nos tornamos “nova criatura” (2 *Cor* 5,17).

A vida em Cristo leva-nos a superar os limites de uma existência fechada em nós mesmos. Abre-nos ao horizonte da comunhão com Deus e com as pessoas que nos rodeiam, deixando para trás a insatisfação trazida pelas preocupações exclusivamente mundanas. Dá-nos uma nova esperança, que atua na nossa vida cotidiana e, ao mesmo tempo, se projeta para além da morte: “Ninguém dentre nós vive para si mesmo ou morre para si mesmo. Se estamos vivos, é para o Senhor que vivemos, e se morremos, é para o Senhor que morremos. Portanto, vivos ou mortos, pertencemos ao Senhor” (*Rm* 14,7-8). A vida em Cristo é um dom que recebemos de modo especial pela participação nos sacramentos, e que se traduz numa existência guiada pelo Espírito Santo, marcada pelo Amor (cf. *Rm* 8).

A centralidade da Pessoa de Jesus Cristo deve, portanto, ser o ponto de partida e o fio condutor de toda a nossa existência. Numa das suas primeiras cartas pastorais, o prelado do Opus Dei, Mons. Fernando Ocáriz, recordou este princípio básico da vida cristã e apontou algumas das suas muitas consequências:

Colocar Jesus Cristo no centro de nossa vida significa penetrar mais na oração contemplativa no meio do mundo, e ajudar os outros a irem por *caminhos de contemplação*. É redescobrir com luzes novas o valor antropológico e cristão dos diferentes meios ascéticos. É chegar à pessoa na sua integridade: inteligência, vontade, coração, relações com os outros. É fomentar a liberdade interior, que leva a fazer as coisas por amor. É ajudar a pensar, para que cada um descubra o que Deus lhe pede e assuma as suas decisões com plena responsabilidade pessoal. Alimentar a confiança na graça de Deus para enfrentar o voluntarismo e o sentimentalismo. Expor o ideal da vida cristã sem confundi-lo com o perfeccionismo, ensinando a conviver com a própria fraqueza e a dos outros. Assumir com todas as suas consequências uma atitude cotidiana, fundamentada na filiação divina, de abandono repleto de esperança.

"Assim se fortalece o sentido de missão da nossa vocação, com uma entrega plena e alegre, porque somos chamados a contribuir, com iniciativa e espontaneidade, para melhorar o mundo e a cultura do nosso tempo, de modo a que se abram aos planos de Deus para a humanidade: *cogitationes cordis eius*, os projetos do seu coração, que permanecem *de geração em geração* (Sl 33 [32], 11)"[\[1\]](#).

Os parágrafos seguintes da carta acrescentam outros aspectos que derivam da centralidade de Jesus Cristo em nossa vida, como a necessidade de ter o coração desprendido dos bens materiais, para podermos ser verdadeiramente “livres para amar”, e o amor à Igreja, que “levar-nos-á a procurar recursos para o desenvolvimento dos trabalhos apostólicos, e a promover em todos um grande brio profissional”[\[2\]](#). Também considera o sentido de missão de quem sabe que é chamado por um “Deus que é amor e que põe em nós o amor para O amar e amar aos outros”[\[3\]](#).

O tema da oração contemplativa no mundo, que Mons. Ocáriz enumera como a primeira das consequências desta centralidade de Cristo na vida dos fieis, foi desenvolvido numa série de artigos publicados no site web do Opus Dei e posteriormente recolhidos no livro *Novos Mediterrâneos*. Nos últimos meses, também de acordo com estas palavras do Prelado do Opus Dei, vários autores escreveram artigos que aprofundam os outros aspectos. Estes textos, também publicados no site web do Opus Dei, são agora oferecidos neste livro para facilitar a sua leitura e perceber a sua conexão temática. Partindo da centralidade da Pessoa de Jesus como fonte de uma alegria cheia de esperança, tratam depois da vida de oração no meio do mundo, numa perspectiva mais sintética; da formação cristã como processo que atinge a pessoa em todas as suas dimensões; da liberdade interior dos filhos de Deus; da luta espiritual como resposta grata ao dom de Deus para nós em Cristo; do sentido característico de missão daqueles que aceitaram um chamado divino e da consciência do amor incondicional do Senhor como fundamento do nosso esforço para lhe agradar.

Certamente, ainda há muitos assuntos a serem tratados, e mesmo os que são tratados aqui poderiam ser matéria de um estudo mais aprofundado. No entanto, não quisemos tentar esgotar um argumento que, em si mesmo, é incomensurável. Por outro lado, temos o desejo de que os textos aqui reunidos sejam um convite para que os leitores entrem cada vez mais profundamente no mistério de um Deus que vem ao nosso encontro, para que todos nós possamos dizer com São Paulo: “Para mim, viver é Cristo” (Fil 1, 21).

Rodolfo Valdés (ed.)

[Voltar ao índice](#)

Notas

[1] F. Ocáriz, *Carta pastoral*, 14-II-2017, n. 8.

[2] *Ibidem*.

[3] *Ibidem*, n. 9.

Na alegre esperança de Cristo

Lucas Buch

Que torna a vida valiosa? Que faz com que a *minha* vida seja valiosa? No mundo atual, a resposta a essa pergunta com frequência gira à volta de dois polos: o sucesso que somos capazes de alcançar e a opinião que os outros têm de nós. É claro que não são questões banais: a opinião alheia tem consequências na vida familiar, social e profissional. O sucesso é a expectativa lógica daquilo que empreendemos. Ninguém faz seja o que for com o objetivo de fracassar. No entanto, às vezes, aparecem pequenas ou não tão pequenas derrotas na nossa vida, ou outros podem formar uma opinião sobre nós em que não nos sentimos refletidos.

A experiência do fracasso, do desprestígio, ou a consciência da própria incapacidade – já não somente no mundo profissional, mas até no esforço de viver uma vida cristã – podem levar-nos ao desânimo, ao desalento, e, em último termo, à desesperança.

Na atualidade, a pressão por ter sucesso em diferentes níveis, por ser *alguém*, ou, pelo menos, por podermos *dizer que somos alguém* é mais forte que noutras épocas. E, na realidade, em vez do que nós *somos* – filho, mãe, irmão, avó –, o foco está posto no que *somos capazes de fazer*. Por isso, hoje estamos mais vulneráveis aos vários tipos de derrotas que a vida costuma trazer consigo: contratempos que antes se resolviam ou se suportavam com fortaleza, hoje causam com frequência uma tristeza ou frustração de fundo, desde idades muito precoces. Nesse mundo com tantas expectativas e desilusões, é possível então viver, como propunha São Paulo, “alegres na esperança” (*Rom 12,12*)?

Na sua carta de fevereiro, o Prelado do Opus Dei dirige o olhar à única resposta verdadeiramente lúcida a essa pergunta. Uma resposta que se ergue

com um sim decidido: “fazei, Senhor, que a partir da fé no vosso Amor vivamos cada dia com um amor sempre novo, numa alegre esperança”[1]. Ainda que, às vezes, a falta de esperança possa parecer “menos ingénuas”, só o será se fecharmos os olhos ao Amor de Deus e à sua permanente proximidade. O Papa Francisco recordava-nos isso numa das suas catequeses sobre a esperança: “A esperança cristã é sólida, eis porque *não desilude*. (...) Não está fundada sobre o que nós podemos fazer ou ser, e nem sequer naquilo em que podemos acreditar. O seu fundamento, ou seja, o fundamento da esperança cristã é o que de mais fiel e seguro pode existir, isto é, o amor que o próprio Deus alimenta por cada um de nós. É fácil dizer: Deus ama-nos. Todos nós dizemos isso. Mas pensem um pouco: cada um de nós é capaz de dizer: estou convencido de que Deus me ama? Não é tão fácil dizê-lo. Mas é verdade”[2].

A grande esperança

Na sua pregação e nas suas conversas, São Josemaria contemplava muitas vezes a vida dos primeiros cristãos. A fé era para eles, mais do que uma doutrina a aceitar ou um modelo de vida a realizar, o *dom* de uma vida nova: o dom do Espírito Santo, que havia sido derramado nas suas almas depois da ressurreição de Cristo. Para os primeiros cristãos, a fé em Deus era objeto de experiência e não só de adesão intelectual: Deus era uma Pessoa realmente presente no seu coração. São Paulo escrevia aos fiéis de Éfeso, referindo-se à sua vida antes de conhecer o Evangelho: “lembrai-vos de que naquele tempo estáveis sem Cristo, sem direito da cidadania em Israel, alheios às alianças, sem esperança da promessa e sem Deus, neste mundo” (*Ef* 2, 11–12). Com a fé, por outro lado, tinham recebido a esperança, uma esperança que “não engana. Porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (*Rom* 5, 5).

Ao longo de vinte séculos, Deus não deixa de chamar-nos a esta “grande esperança”, que relativiza todas as outras esperanças e decepções. “Precisamos de esperanças – menores ou maiores – que, dia após dia, nos mantenham a caminho. Mas, sem a grande esperança que deve superar tudo o resto, aquelas não bastam. Esta grande esperança só pode ser Deus, que

abraça o universo e nos pode propor e dar aquilo que, sozinhos, não podemos conseguir”[3].

É bom considerar se nos *habituámos* à realidade de um Deus que salva – um Deus que vem encher-nos de esperança –, até o ponto de, às vezes, ver isso apenas como uma ideia, que não tem força real na nossa vida. A Cruz, que parecia um grande fracasso aos olhos dos que tinham esperança em Jesus, tornou-se, com a Ressurreição, o triunfo mais decisivo da história. Decisivo, porque não se trata de um êxito só de Jesus: com Ele todos vencemos. “E esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé” no Ressuscitado (1 Jo 5,4). Os discípulos de Emaús olhavam o passado com saudades. “Nós esperávamos”, diziam (*Lc* 24, 21): não sabiam que Jesus caminhava com eles, que abria para eles um futuro apaixonante, à prova de qualquer outro desengano. “Aviva a tua fé. – Cristo não é uma figura que passou. Não é uma recordação que se perde na história. Vive! ‘*Jesus Christus heri et hodie: ipse et in saecula!*’, diz São Paulo. Jesus Cristo ontem e hoje e sempre!”[4]

Deixar-nos tocar pelo amor de Deus

São Paulo descrevia assim a raiz da vida cristã: “... Pela fé, eu morri para a Lei, a fim de viver para Deus. Estou pregado na cruz de Cristo. Eu vivo, mas já não sou eu. É Cristo que vive em mim. A minha vida presente, na carne, vivo-a na fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (*Gal* 2,19-20). Para o Apóstolo, o cristianismo consiste, em primeiro lugar, na realidade de que Cristo morreu por nós, ressuscitou e, do Céu, enviou aos nossos corações o seu Espírito Santo, que nos transforma e abre os nossos olhos para uma vida nova. “Quem é atingido pelo amor começa a intuir em que consistiria propriamente ‘vida’. Começa a intuir o significado da palavra esperança”[5]. Como à samaritana, a Maria Madalena, a Nicodemos, a Dimas, aos discípulos de Emaús, Jesus dá-nos um novo modo de olhar: de olhar-nos a nós mesmos, aos outros e a Deus. E somente a partir deste novo olhar que Deus nos dá, o esforço por melhorar e a luta por imitá-lo têm sentido: vistos por si mesmos, estas duas coisas seriam “ vaidade e vento que passa” (*Ecl.* 2,11), um empenho inútil.

Ao morrer na Cruz “por nós homens e pela nossa salvação”[6], Cristo livrou-nos de uma vida de relação com Deus concentrada em preceitos e limites negativos. Libertou-nos para uma vida feita de Amor: “revestistes-vos do homem novo, que vai se renovando constantemente à imagem daquele que o criou, até atingir o perfeito conhecimento”. (Col 3,10). Trata-se, então, de *conhecer* o Amor de Deus e de *deixar-se* tocar por Ele, para retomar – a partir dessa experiência – o caminho para a santidade. Encontrar Deus e deixar-nos transformar por Ele é o essencial. Pouco depois da sua eleição, o Prelado do Opus Dei recordava-nos: “quais são as prioridades que Nosso Senhor nos apresenta neste momento histórico do mundo, da Igreja e da Obra? A resposta é clara: em primeiro lugar, cuidar da nossa união com Deus com delicadeza de apaixonados, partindo da contemplação de Jesus Cristo, rosto da Misericórdia do Pai. O programa de São Josemaria será sempre válido: ‘Que procures a Cristo. Que encontres a Cristo. Que ames a Cristo’”[7]. A união com Deus permite-nos viver a Vida que Ele nos oferece. Procurar o rosto de Cristo, e deixar-nos olhar por Ele é um caminho esplêndido para aprofundar nessa vida de Amor.

Deixar Cristo olhar para nós

Jesus Cristo é o *rosto* da Misericórdia de Deus, porque n’Ele Deus nos fala com uma linguagem à nossa medida: uma linguagem à escala humana que vem ao encontro da sede do amor fora de toda escala que Ele mesmo colocou em cada um de nós. “E tu, já sentiste alguma vez pousar sobre ti este olhar de amor infinito que, para além de todos os teus pecados, limitações e fracassos, continua a confiar em ti e a olhar com esperança para a tua vida? Estás consciente do valor que tens diante de um Deus que, por amor, te deu tudo? Como nos ensina São Paulo, assim “Deus demonstra o seu amor para conosco: quando ainda éramos pecadores é que Cristo morreu por nós” (Rom 5, 8). Mas compreendemos verdadeiramente a força destas palavras?”[8]

Para descobrir o rosto de Jesus, é necessário percorrer o caminho da adoração e da contemplação. “Que doce é estar diante de um crucifixo, ou de joelhos diante do Santíssimo e simplesmente ser diante de seus olhos! Quanto bem nos faz deixar que Ele volte a tocar nossa existência e nos

lance a comunicar a sua nova vida!”[9]. Trata-se, como dizia o Papa noutra ocasião, de “olhar Deus, mas acima de tudo [de] sentir-se olhado por Ele”[10]. Parece algo simples: *deixar-se olhar*, simplesmente *ser* na presença de Deus... Mas o certo é que, em um mundo hiperativo e saturado de estímulos como o nosso, isso nos custa terrivelmente. Por isso, é necessário pedir a Deus o dom de entrar no seu silêncio e de deixar que Ele olhe para nós: convencer-se, em suma, de que *estar* na sua presença já é uma oração maravilhosa e tremendamente eficaz, mesmo se não tirarmos dela nenhum propósito imediato. A contemplação do rosto de Cristo tem em si mesma um poder transformador que não podemos medir com os nossos critérios humanos. “Ponho sempre o Senhor diante dos olhos, pois ele está à minha direita; não vacilarei. Por isso, o meu coração se alegra e a minha alma exulta, até o meu corpo descansará seguro” (*Sal* 15, 8–9).

O rosto de Jesus é também o rosto do Crucificado. Ao constatar a nossa fraqueza, poderíamos pensar, com um critério exclusivamente humano, que o dececionamos: que não podemos dirigir-nos a Ele como se não tivesse acontecido nada. No entanto, essas objeções desenham somente uma caricatura do Amor de Deus. “Há uma falsa ascética que apresenta o Senhor na Cruz enraivecido, rebelde. Um corpo retorcido que parece ameaçar os homens: vós me quebrantastes, mas eu lançarei sobre vós os meus pregos, a minha cruz e os meus espinhos. Esses não conhecem o espírito de Cristo. Ele sofreu tudo quanto pôde — e, por ser Deus, podia tanto! — . Mas amava mais do que padecia... E, depois de morto, consentiu que uma lança Lhe abrisse outra chaga, para que tu e eu encontrássemos refúgio junto ao seu Coração amabilíssimo.”[11]

Como São Josemaria compreendia o Amor que irradia o rosto de Jesus! Lá da Cruz, olha-nos e diz-nos: “Conheço-te perfeitamente. Antes de morrer, pude ver todas as tuas debilidades e misérias, as tuas quedas e traições... E conhecendo-te tão bem, tal como és, julguei que *vale a pena dar a vida por ti*”. O olhar de Cristo é amoroso, afirmativo, vê o bem que existe em nós – o bem que nos *somos* – e que Ele mesmo nos concedeu ao chamar-nos à vida. Um *bem* digno de Amor, mais ainda, digno do Amor maior. (cf. *Jo* 3,16; 15,13).

Caminhar com Cristo deixando marca no mundo

O olhar de Jesus ajudar-nos-á a reagir com esperança diante das quedas, das escorregadelas, da mediocridade. E não é simplesmente porque sejamos bons assim como somos, mas também porque Deus conta com cada um de nós para transformar o mundo e enchê-lo do seu Amor. Também essa chamada está no olhar amoroso de Cristo. “Dir-me-ás: “Padre, mas eu sou muito limitado, sou pecador, que posso fazer?” Quando o Senhor nos chama, não pensa no que somos, no que éramos, no que fizemos ou deixámos de fazer. Pelo contrário: no momento em que nos chama, Ele está a olhar para tudo o que poderíamos dar, todo o amor que somos capazes de contagiar. A sua aposta sempre é no futuro, no amanhã. *Jesus projeta-te no horizonte, nunca num museu.*”[\[12\]](#)

O olhar de Cristo é um olhar do Amor, que *afirma* sempre a pessoa que está na sua frente e exclama: “É bom que existas, que maravilha ter-te aqui”![\[13\]](#) Ao mesmo tempo, conhecendo-nos perfeitamente, *conta connosco*. Descobrir essa dupla *afirmação* de Deus é o melhor modo de recuperar a esperança e de nos sentirmos novamente atraídos para cima, em direção ao Amor, e depois lançados ao mundo inteiro. Essa é, no fim de contas, a nossa segurança mais firme: Cristo morreu por mim, porque acreditava que valia a pena fazer isso. Cristo, que me conhece, confia em mim. Por isso, o Apóstolo exclamava: “Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas que por todos nós o entregou, como não nos dará também com ele todas as coisas?” (*Rom 8, 31-32*).

Dessa segurança nascerá o nosso desejo de retomar o caminho, de lançar-nos ao mundo inteiro para deixar nele a marca de Cristo. Sabendo que, muitas vezes, tropeçaremos, que, nem sempre, conseguiremos realizar o que nos propusermos... Mas, no fundo, não é isso o que conta. O que importa é seguir em frente, com o olhar fixo em Jesus: “*expectantes beatam spem*” acordados e atentos à sua alegre esperança[\[14\]](#). É Ele que nos salva e conta connosco para encher o mundo de paz e de alegria. “Deus criou-nos para estarmos de pé. Existe uma bela canção que os alpinos cantam quando sobem. A canção diz assim: “na arte de subir, importante não é não cair,

mas sim não ficar caído”!”[15] Em pé, alegres. Seguros. A caminho. Com a missão de acender “todos os caminhos da terra com o fogo de Cristo” que levamos no coração[16].

[Voltar ao índice](#)

Notas

[1] F. Ocáriz, Carta pastoral, 14-II-2017, n. 33.

[2] Francisco, Audiência, 15-II-2017.

[3] Bento XVI, Enc. *Spe Salvi* (30-XI-2007), n. 31.

[4] *São Josemaria, Caminho, n. 584*

[5] Bento XVI, Enc. *Spe Salvi* (30-XI-2007), n. 27.

[6] *Missal Romano, Símbolo niceno-constantinopolitano.*

[7] F. Ocáriz, Carta pastoral, 14-II-2017, n. 30 (cfr. *Caminho*, n. 382).

[8] Francisco, Mensagem, 15-VIII-2015.

[9] Francisco, Ex. Ap. *Evangelii Gaudium* (26-XI-2013), n. 264.

[10] S. Rubin, F. Ambrogetti, *Conversas com Jorge Bergoglio*, Edições Paulinas, Lisboa 2013

[11] São Josemaria, Via Sacra, estação XII, nº 3.

[12] Francisco, Vigília de oração, 30-VII-2016.

[13] Cfr. J. Pieper, *Virtudes Fundamentais*, Ed. Aster, Lisboa 1960

[14] *Missal Romano, Rito de Comunhão.*

[15] Francisco, Homilia, 24-IV-2016.

[16] *Caminho, n° 1.*

Caminhos de contemplação

Juan Francisco Pozo - Rodolfo Valdés

Uma das atitudes que os Evangelhos mais ressaltam de Jesus enquanto cumpre a Sua missão é a frequência com que recorre à oração. O ritmo do Seu ministério está, em certo sentido, marcado pelos momentos em que se dirige ao Pai. Jesus recolhe-se em oração antes do Seu Batismo (Lc 3, 21), na noite anterior à eleição dos Doze (Lc 6, 12), no monte antes da Transfiguração (Lc 9, 28), no Horto das Oliveiras enquanto se prepara para enfrentar a Paixão (Lc 22, 41-44). O Senhor dedicava muito tempo à oração: ao anoitecer ou a noite inteira, ou muito cedo, de madrugada, ou no meio de dias de intensa pregação; na realidade orava constantemente, e recomendou repetidamente aos discípulos «a necessidade de orar sempre e não desfalecer» (Lc 18,1).

Porquê esse exemplo e essa insistência do Senhor? Porque é necessária a oração? Na realidade, esta responde aos desejos mais íntimos do homem, que foi criado para entrar em diálogo com Deus e contemplá-l'O. Mas a oração é, sobretudo, um dom de Deus, um presente que Ele nos oferece: «o Deus vivo e verdadeiro chama incansavelmente cada pessoa ao encontro misterioso da oração. Esta iniciativa de amor do Deus fiel é sempre a primeira na oração, o caminhar do homem é sempre uma resposta»[\[1\]](#)

Para imitar Cristo e participar da Sua Vida, é imprescindível sermos almas de oração. Através da contemplação do Mistério de Deus, revelado em Jesus Cristo, a nossa vida vai-se transformando na Sua. Torna-se realidade aquilo que S. Paulo comentava aos coríntios: «Todos nós, que com o rosto descoberto refletimos como num espelho a glória do Senhor, vamos sendo transformados na Sua própria imagem, cada vez mais gloriosos, conforme age em nós o Espírito do Senhor» (1Cor 3, 18). Tal como S. Paulo, todos os cristãos estão chamados a refletir no rosto a face de

Cristo: nisto consiste *ser apóstolos*, ser mensageiros do amor de Deus, que se experimenta na primeira pessoa durante os momentos de oração. Percebe-se, portanto, a atualidade do convite a «meter-se mais na oração contemplativa no meio do mundo e ajudar os outros a ir por *caminhos de contemplação*»[2]»[3].

Acolher o dom de Deus

O apóstolo cresce ao ritmo da oração; a renovação pessoal no impulso evangelizador parte da contemplação. O Papa recorda que «a melhor motivação para nos decidirmos a comunicar o Evangelho é contemplá-lo com amor, é determo-nos nas suas páginas e lê-lo com o coração. Se o abordamos dessa maneira, a sua beleza deslumbra-nos, volta a cativar-nos uma e outra vez»[4]. Por isso, é fundamental recuperar «um espírito *contemplativo*, que nos permita redescobrir, cada dia, que somos depositários de um bem que humaniza, que ajuda a levar uma vida nova. Não há nada melhor para transmitir aos outros»[5].

Os Evangelhos apresentam-nos diferentes personagens, cujo encontro com Cristo muda a sua vida e converte em portadoras da mensagem salvadora do Senhor. Uma delas é a mulher samaritana que, como relata S. João, vai simplesmente buscar água ao poço junto do qual está sentado Jesus a descansar. E é Ele quem começa o diálogo: «Dá-me de beber» (Jo 4, 10). À primeira vista, a samaritana não se mostra muito disposta a continuar a conversa: «Como é que tu, sendo judeu, me pedes de beber a mim, que sou uma mulher samaritana?» (Jo 4,9). Mas o Senhor fá-la ver que, na realidade, Ele *é essa água* que ela procura: «Se conhecesses o dom de Deus... (Jo 4, 10), aquele que beber da água que Eu lhe der jamais terá sede, porque a água que Eu lhe der tornar-se-á nele uma nascente de água a jorrar para a vida eterna.» (Jo 4, 14). Depois, uma vez trespassado o coração da samaritana, revela-lhe com clareza e simplicidade que conhece o seu passado (Jo 4, 17-18), mas com tal amor que ela não se sente nem desanimada nem repudiada. Pelo contrário, Jesus fá-la participar de um universo novo, fá-la entrar num mundo que vive com esperança, pois chegou o momento da reconciliação, o momento em que se abrem as portas da oração para todos os homens: «Acredita-me, mulher, vai chegar a hora

em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai. (...) Mas vai chegar a hora, e já chegou, em que os verdadeiros adoradores hão-de adorar o Pai em espírito e em verdade» (Jo 4,21.23).

No diálogo com Jesus, a samaritana descobre a verdade de Deus e a da sua própria vida. Acolhe o dom de Deus e converte-se radicalmente. Por isso, a Igreja viu nesta passagem evangélica uma das imagens mais sugestivas sobre a oração: «Jesus tem sede, a Sua petição vem das profundezas de Deus que nos deseja. A oração, saibamo-lo ou não, é o encontro da sede de Deus e da sede do homem. Deus tem sede de que tenhamos sede d'Ele»[6]. A oração é uma manifestação da iniciativa de Deus, que sai em busca do homem, e espera a sua resposta para o transformar em seu amigo. Por vezes, parece que somos nós quem toma a iniciativa de dedicar a Deus um tempo de oração mas, na realidade, isso é já uma resposta ao Seu chamamento. A oração vive-se como um chamamento recíproco: Deus procura-me e espera-me, e eu necessito de Deus e procuro-O.

Tempo para Deus

O homem tem sede de Deus, ainda que com frequência não o saiba reconhecer, e recuse mesmo recorrer às fontes de água viva, que são os momentos dedicados à oração. A história da samaritana, neste sentido, repete-se em muitas almas: Jesus que pede um pouco de atenção, que procura suscitar um diálogo dentro do coração num momento que talvez pareça inoportuno. Dá a impressão de que esses minutos diários são demasiados, que não há espaço numa agenda tão apertada! Mas, quando nos deixamos envolver pelo Senhor nesse diálogo contemplativo, então descobrimos que a oração não é algo *que eu faço por Deus* mas, sobretudo, um dom que Deus me concede e que eu acolho simplesmente.

Dedicar tempo ao Senhor não é simplesmente uma tarefa entre outras, uma carga mais num horário muitas vezes exigente. É acolher um presente infinitamente valioso, uma pérola preciosa ou um tesouro escondido na normalidade da vida corrente, que necessitamos de cuidar com delicadeza.

A escolha do momento da oração depende de uma vontade determinada em deixar-se conquistar pelo Amor: não se faz oração quando se tem tempo, mas *consegue-se tempo para fazer oração*. Quando se condiciona a oração aos ‘furos’ que aparecerem no horário, possivelmente não se conseguirá fazê-la com regularidade. A escolha do momento é reveladora dos segredos do coração; manifesta o lugar que ocupa o amor a Deus na hierarquia dos nossos interesses diários[7].

Orar é sempre possível: o tempo do cristão é o de Cristo ressuscitado, que está connosco todos os dias (Mt 28, 20). A tentação mais frequente para nos afastarmos da oração é uma certa falta de fé, que se manifesta por uma preferência de facto: «Apresentam-se como prioritários mil trabalhos e cuidados que se consideram mais urgentes; uma vez mais, é o momento da verdade do coração e de clarificar preferências»[8]. O Senhor é o primeiro. Por esse motivo, é muito conveniente determinar a hora adequada para a oração, aconselhando-se na direção espiritual, para adaptar esse plano às circunstâncias pessoais.

S. Josemaria teve muitos momentos de oração no carro, durante as viagens que realizava por motivos apostólicos; no elétrico, ou caminhando pelas ruas de Madrid, quando não tinha outra possibilidade. Quem tem que santificar-se no meio da vida corrente pode encontrar-se em situações semelhantes: um pai ou uma mãe de família, algumas vezes, não terão outra opção a não ser orar ao Senhor enquanto cuidam dos filhos pequenos; será muito grato a Deus. Em todo o caso, recordar que o Senhor nos espera, e tem preparadas as graças de que necessitamos para no-las oferecer na oração, pode ajudar na escolha do tempo e lugar mais adequados.

O combate da oração

Considerar que a oração é uma arte, implica reconhecer que sempre se pode crescer nela, deixando atuar cada vez mais nas nossas almas a graça de Deus. Neste sentido, a oração também é combate[9]. É luta, em primeiro lugar, contra nós próprios. As distrações invadem a mente quando procuramos o silêncio interior; revelam-nos aquilo a que o coração está apegado e podem converter-se numa luz para pedir ajuda a Deus[10].

O nosso tempo está marcado pela multiplicação das possibilidades tecnológicas que facilitam a comunicação em muitos sentidos, mas que também aumentam as ocasiões de distração. Pode dizer-se que nos encontramos perante um novo desafio para o crescimento da vida contemplativa: aprender a viver o silêncio interior rodeados de muito *ruído* exterior. Em muitos ambientes, apercebemo-nos da primazia da gestão sobre a reflexão ou o estudo; habituámo-nos a trabalhar em *multitasking*, prestando atenção simultânea a muitas tarefas, o que facilmente pode levar a viver no imediatismo da ação-reação. No entanto, perante este panorama, revalorizaram-se algumas atitudes como a atenção ou a concentração, que se apresentam como um modo de proteger a capacidade de nos determos e aprofundarmos no que realmente vale a pena.

O silêncio interior apresenta-se como uma condição necessária para a vida contemplativa. Liberta-nos do *apego* ao imediato, ao fácil, ao que distrai mas não preenche, de modo que nos possamos centrar no nosso verdadeiro bem: Jesus Cristo, que vem ao nosso encontro na oração.

O recolhimento interior implica um movimento que vai da dispersão em muitas atividades para a interioridade. Aí é mais simples encontrar Deus, e reconhecer a Sua presença no que Ele faz quotidianamente nas nossas vidas – detalhes do dia a dia, luzes recebidas, atitudes de outras pessoas – e assim poder manifestar-Lhe a nossa adoração, arrependimento, petição, etc. Por isso, o recolhimento interior é fundamental para uma alma contemplativa no meio do mundo: «A verdadeira oração, a que absorve todo o indivíduo, não a favorece tanto a solidão do deserto como o recolhimento interior»[\[11\]](#).

À procura de novas luzes

A oração, ao ser também procura do homem, implica o desejo de não se conformar com um modo rotineiro de se dirigir ao Senhor. Se todas as relações duradouras implicam o desejo contínuo de renovar o amor, a relação com Deus que se cria especialmente nos momentos dedicados exclusivamente a Ele, também deveria caracterizar-se por este desejo.

«Na tua vida, se te propuseres isso, tudo pode ser objeto de oferecimento ao Senhor, motivo de colóquio com o teu Pai do Céu, que sempre guarda e concede luzes novas»[12]. Certamente, essas luzes são concedidas pelo Senhor, contando com a procura apaixonada dos seus filhos, com a disposição de escutar com simplicidade a palavra que nos dirige, deixando de lado a ideia de que já não há nada novo por descobrir. Nisto, é um exemplo a atitude da samaritana junto ao poço: embora a sua vida de fé estivesse arrefecida, guardava dentro do seu coração o desejo da chegada do Messias.

Esta aspiração traduzir-se-á em voltar a levar os acontecimentos diários ao diálogo com o Senhor, mas sem pretender conseguir uma solução imediata e à nossa medida. É mais importante pensar no que o Senhor quer: tantas vezes, a única coisa que espera é que nos ponhamos com simplicidade à Sua frente, e que façamos uma memória agradecida de tudo aquilo que o Espírito Santo silenciosamente faz em nós. Ou implicará também voltarmos a ler os Evangelhos e contemplarmos com calma a cena e participarmos nela «como um personagem mais»[13], para nos deixarmos interpelar por Cristo. Alimentar a oração é também dialogarmos com o Senhor através dos textos que a Igreja põe nos nossos lábios na liturgia que celebramos diariamente. As fontes da oração são inesgotáveis; se sabemos recorrer a elas com novo entusiasmo, o Espírito Santo fará o resto.

Quando não se encontram as palavras

Contudo, nalgumas ocasiões sucederá que, apesar do esforço, não se consiga entabular um diálogo com Deus. Como consola, então, recordar aquela indicação do Senhor: «Quando orardes não empregueis muitas palavras como os gentios, que pensam que por muito falarem serão atendidos» (Mt 6, 7). É o momento de voltar a confiar na ação do Espírito Santo na alma, que «vem em auxílio da nossa fraqueza, pois não sabemos o que havemos pedir como convém; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis» (Rm 8, 26).

No seguimento das palavras de S. Paulo aos Romanos, Bento XVI descrevia qual é a atitude de abandono que impregna a oração: «Desejamos

rezar, mas Deus está distante; não dispomos das palavras, da linguagem para falar com Deus, nem sequer do pensamento. Só podemos abrir-nos, pôr o nosso tempo à disposição de Deus, esperar que Ele nos ajude a entrar num diálogo verdadeiro. O Apóstolo diz: precisamente esta falta de palavras, esta ausência de palavras, e no entanto este desejo de entrar em contacto com Deus, é oração que o Espírito Santo não só entende mas leva, interpreta diante de Deus. É precisamente esta nossa debilidade que se torna, através do Espírito Santo, verdadeira oração, contacto autêntico com Deus»[14].

Não há motivos, portanto, para desanimar se se sentir dificuldade em manter um diálogo com o Senhor. Quando o coração parece estar a contragosto em relação às realidades espirituais, o tempo de meditação torna-se longo, o pensamento divaga noutras coisas, ou a vontade resiste e o coração está seco, talvez nos possam servir as seguintes considerações:

«A oração – recorda-o – não consiste em fazer discursos bonitos, frases grandiloquentes ou que consolem...

«Oração é, às vezes, um olhar a uma imagem de Nosso Senhor ou de Sua Mãe; outras, um pedido com palavras; outras, o oferecimento das boas obras, dos resultados da fidelidade...

«Como o soldado que está de guarda, assim temos de estar nós à porta de Deus Nosso Senhor: e isso é oração. Ou como se deita o cãozinho aos pés do seu dono.

«Não te importes de Lhe dizer: Senhor, aqui me tens como um cão fiel; ou melhor, como um burrinho que não dá coices a quem lhe quer bem»[15].

A fonte que muda o mundo

A vida de oração abre-nos as portas à amizade com Deus, relativiza os problemas a que às vezes damos uma importância desmesurada, recorda-nos que estamos sempre nas mãos do nosso Pai do Céu. No entanto, não nos isola do mundo nem é uma escapatória para os problemas diários. A verdadeira oração é relevante: incide na nossa vida, ilumina-a, e abre à

nossa volta uma perspectiva sobrenatural: «Uma oração intensa, mas sem afastar do compromisso na história: ao abrir o coração ao amor de Deus, abre-o também ao amor dos irmãos, tornando-nos capazes de construir a história segundo o desígnio de Deus»[16].

Na oração, o Senhor não quer saciar unicamente a nossa sede, mas que essa experiência nos leve a partilhar a alegria da amizade com Ele. Foi o que sucedeu no coração da samaritana; depois do encontro com Jesus, apressou-se a dá-l’O a conhecer às pessoas no seu ambiente: «Muitos samaritanos daquela cidade acreditaram n’Ele devido às palavras da mulher que testemunhava: “Disse-me tudo o que eu fiz”» (Jo 4, 39). Sinal da oração autêntica é o desejo de partilhar a experiência de Cristo com os outros, porque «que amor é esse que não sente a necessidade de falar do ser amado, de o mostrar, de dá-lo a conhecer?»[17].

Santa Maria é Mestra de oração. Ela, que soube guardar as coisas do seu Filho, meditando-as no seu coração (Lc 2, 51), acompanha os discípulos de Jesus na oração (Act 1, 14), mostrando-lhes o caminho para receberem em plenitude o dom do Espírito Santo, que os fará lançar-se na aventura divina da evangelização.

[Voltar ao índice](#)

Notas

[1] Catecismo da Igreja Católica, n.º 2567.

[2] S. Josemaría, *Amigos de Deus*, n.º 67

[3] F. Ocáriz, *Carta pastoral*, 14-II-2017, n.º 8.

[4] Francisco, Ex. Ap. *Evangelii gaudium* (24-XI-2013), n.º 264.

[5] *Ibidem*.

[6] *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 2560. Santo Agostinho, *De diversis quaestionibus octoginta tribus*, 64, 4: CCL 44 A140 (PL 40, 56).

[7] *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 2710.

[8] *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 2732.

[9] *Catecismo da Igreja Católica*, n.ºs 2725 e segs.

[10] *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 2729.

[11] S. Josemaria, *Sulco*, n.º 460.

[12] S. Josemaria, *Forja*, n.º 743.

[13] *Amigos de Deus*, n.º 222.

[14] Bento XVI, Audiência geral, 16 de maio de 2012.

[15] S. Josemaria, *Forja*, n.º 73.

[16] S. João Paulo II, Carta apostólica *Novo millennio ineunte*, n.º 33.

[17] Francisco, Ex. Ap. *Evangelii gaudium* (24-XI-2013), n.º 264.

Chegar à pessoa na sua integridade: o papel dos afetos

Julio Diéguez

Sem dúvida, Jesus Cristo é o amor de nossa vida: não *o maior entre outros*, mas *aquele que dá sentido a todos os outros amores* e aos interesses, vontades, ambições, trabalhos, iniciativas que preenchem os nossos dias e o nosso coração. Por isso é fundamental manter “*a centralidade da pessoa de Cristo*”^[1] na nossa vida espiritual: Ele é o caminho para entrar em comunhão com o Pai no Espírito Santo. Nele se revela o mistério de *quem é o homem*^[2], para o que está chamado. Caminhar com Cristo implica crescer em conhecimento próprio e aprofundar no próprio mistério pessoal. Deixar que Cristo seja o centro de nossas vidas faz-nos “redescobrir com luzes novas o valor antropológico e cristão dos diferentes meios ascéticos. É chegar à pessoa na sua integridade: inteligência, vontade, coração, relações com os outros”^[3].

Essa pessoa a quem temos que “chegar” somos nós mesmos e também todos aqueles que fazem parte da nossa vida de alguma maneira, pela nossa amizade, pelo nosso apostolado. A formação que recebemos e damos deve abranger a inteligência, a vontade e os afetos, sem deixar de lado nenhum desses elementos, nem simplesmente *submeter* algum deles aos outros. Aqui o foco será a formação da afetividade, sabendo que é essencial que se apoie numa boa formação intelectual. Considerar a importância da formação integral vai permitir- nos *redescobrir* a grande verdade da identificação que S. Josemaria estabelecia entre fidelidade e felicidade ^[4].

Formar-se para entrar em sintonia com Jesus

Algumas pessoas, quando pensam na formação, tendem a considerá-la como um *saber*. Sendo assim, quem recebeu bons conteúdos doutrinários,

ascéticos e profissionais ao longo da vida teria uma boa formação. Mas um conceito deste estilo não é suficiente: para abranger a integridade da pessoa é preciso pensar na formação como um *ser*. Um bom profissional *sabe* a ciência e a técnica que a sua profissão requer, mas tem algo mais: adquiriu hábitos – modo de ser – que o ajudam a aplicar bem essa ciência e essa técnica que possui (hábitos de atenção aos outros, de concentração no trabalho, de pontualidade, de lidar com êxitos e fracassos, de perseverança, etc.).

Da mesma maneira, ser um bom cristão não é simplesmente saber – no nível adequado à sua própria situação na Igreja e na sociedade – a doutrina sobre os sacramentos, ou sobre a oração, ou sobre as leis morais gerais e profissionais. Estamos a falar de um objetivo muito mais alto: mergulhar no mistério de Cristo para conhecer a sua dimensão, a sua profundidade (cf. Ef 3,18), deixar que a sua Vida entre na nossa, e poder repetir com S. Paulo que “não sou que vivo: é Cristo que vive em mim” (Gal 2,20). Isto é: ser “alter Christus, ipse Christus”^[5], deixar que a graça nos transforme progressivamente para nos configurar com Ele. Esse permitir que a graça atue não consiste só em evitar obstáculos passivamente: o Espírito Santo não nos transforma em Cristo sem a nossa cooperação livre. E isso não é suficiente: entregar-nos ao Senhor, dar a nossa vida, não é só entregar as nossas decisões, os nossos atos; é também dar o nosso coração, os nossos afetos, inclusive a nossa espontaneidade. Para isso é imprescindível uma boa formação intelectual e doutrinal que configure a cabeça, que incida nas nossas decisões, mas também é necessário que a doutrina penetre no coração da pessoa. Isso exige luta... e requer tempo. Por outras palavras, é necessário adquirir virtudes e a formação consiste exatamente nisso.

Muita gente pensa que insistir nas virtudes pode levar ao voluntarismo. Não há nada mais irreal do que esse pensamento. Talvez na raiz dessa confusão esteja uma visão errada da virtude, que a considera um simples suplemento de força na vontade, que faz a pessoa ser capaz de cumprir a norma moral mesmo quando não tem a menor vontade. Essa é uma ideia muito difundida e, efetivamente, de origem voluntarista. A virtude consistiria praticamente na capacidade de ir contra as próprias inclinações quando a norma moral exige isso. Claro que há algo de verdade nisso, mas

essa visão é incompleta e transforma as virtudes em qualidades frias, que levariam à negação prática das próprias inclinações, interesses e afetos e, sem querer, acabariam por converter a *indiferença* num ideal: como se a vida interior e a entrega consistissem em conseguir não se sentir atraído por nada que pudesse ser um obstáculo para as decisões futuras.

Considerar a formação deste modo impediria “atingir” a pessoa na sua integridade: inteligência, vontade e afetos não estariam a crescer juntos, de mãos dadas, ajudando-se mutuamente: pelo contrário, uma dessas faculdades estaria a aniquilar alguma das outras duas. O desenvolvimento da vida interior exige essa integração e jamais nos levaria a perder interesses e afetos; não tem como objetivo que as coisas não nos afetem, que não nos importemos com o que é importante, ou que o que é doloroso não doa. É o oposto: enche o nosso coração de um amor tão forte, que nos capacita para considerar os sentimentos num contexto mais amplo, dando-nos recursos para enfrentar os mais difíceis e captar o sentido positivo e transcendente dos mais agradáveis.

O Evangelho mostra-nos o interesse sincero do Senhor pelo descanso dos seus: “Vinde, a sós, para um lugar deserto, e descansai um pouco” (Mc 6,31), ou também a reação de seu coração diante do sofrimento dos seus amigos, como Marta e Maria (cf. Jo 11,1-44). Não se pode imaginar que Jesus estivesse a fingir nesse momento, como se no fundo, por sua união com o Pai, o que acontecia à sua volta fosse indiferente. S. Josemaria falava sobre amar o mundo e amá-lo apaixonadamente [6], incentivava a colocar o coração em Deus e, por Ele, nos outros, no nosso trabalho profissional e apostólico, porque “o Senhor não nos quer secos, rígidos, como uma matéria inerte” [7]. A disponibilidade, por exemplo, não é a disposição daquele que vê com indiferença tanto uma coisa como outra, porque já conseguiu perder qualquer interesse, talvez para não sofrer quando lhe pedirem algo de que não goste; a disponibilidade é a disposição nobre de quem sabe prescindir de algo bom para se concentrar noutra coisa que Deus lhe pede no momento, porque o que a pessoa deseja profundamente é viver para Deus. É alguém que tem o coração grande, com interesses, com ambições boas, mas que sabe superá-los quando convém, não porque os negue ou tente não ser afetado por eles, mas porque o seu interesse em amar

e servir a Deus é muito maior. E não só é maior, como é – foi-se tornando – o que dá sentido e contém em si todos os outros interesses.

Comprazer-se com a prática das virtudes

A formação das virtudes exige luta, vencer a própria inclinação quando esta se opõe aos atos bons. Esta é a parte de verdade contida no conceito reducionista – voluntarista – de virtude, de que falámos anteriormente. Mas a virtude não consiste nesta capacidade de se opor à inclinação. É muito mais do que isso: consiste na formação da inclinação. O objetivo não é sermos capazes de deixar a afetividade de lado para nos guiarmos por uma regra externa, mas sim formar a afetividade de tal maneira que sejamos capazes de nos regozijar com o bem realizado. A virtude consiste precisamente nesse “saborear” o bem, na formação – por assim dizer – do *bom gosto*: “feliz quem na lei do Senhor encontra sua alegria e nela medita dia e noite” (Sal 1,2). Resumindo: a virtude é a formação da afetividade e não o hábito de se opor sistematicamente a ela.

Enquanto a virtude não está formada, a afetividade pode insinuar uma resistência ao ato bom e nesse momento é preciso vencê-la. Mas o objetivo não é simplesmente conseguir vencer: é desenvolver o gosto por esse comportamento. Quando se possui a virtude, o ato bom pode continuar a custar esforço, mas faz-se com alegria. Por exemplo: levantar-nos da cama pontualmente de manhã – *o minuto heroico* [8] – provavelmente vai-nos custar sempre: pode ser que nunca chegue o dia em que ao tocar o despertador não tenhamos a menor vontade de continuar um pouco mais na cama. Mas se sempre nos esforçarmos para vencer essa preguiça por amor a Deus, chega o momento em que fazer isso nos alegra e ceder à comodidade nos incomoda, deixa um sabor amargo. Paralelamente, para uma pessoa justa, levar um produto do supermercado sem pagar, não seria apenas proibido pela lei, seria discordante com as disposições do seu coração. Essa configuração da afetividade que produz essa alegria diante do bem e o sabor amargo diante do mal não é um efeito colateral da virtude, é um componente essencial dela. Por isso a virtude faz-nos capazes de desfrutar do bem.

Esta não é uma ideia meramente teórica. Pelo contrário: tem uma grande incidência prática saber que, quando lutamos, não estamos a *acostumar-nos a sofrer com resignação*, e sim aprendendo a deleitar-nos com o bem, ainda que nesse momento aquilo nos contrarie.

A formação das virtudes faz com que as faculdades e os afetos se centrem no que pode satisfazer verdadeiramente as aspirações mais profundas e deixem em segundo plano aquelas que não são tão importantes. Formar-se nas virtudes é aprender a ser feliz, a desfrutar *do e com* o que é grandioso, é, em resumo, preparar-se para o Céu.

Formar-se é crescer nas virtudes e as virtudes consistem na ordem dos afetos, pode concluir-se que toda a formação é formação da afetividade. Pode ser que ao ler isto, alguém conteste, já que no esforço para adquirir virtudes, a sua luta era mais operativa do que afetiva e, inclusivamente, acrescentar que chamamos virtudes como hábitos *operativos*. É verdade. Mas se as virtudes nos ajudam a *fazer* o bem é porque nos ajudam a *sentir* corretamente. O ser humano sempre se move em direção ao bem. O problema moral é que o que não é bom se apresenta aos nossos olhos como se fosse bom numa situação concreta. E isso acontece por causa da desordem das nossas tendências: às vezes exageramos o valor de algum bem achando que é mais desejável do que outro bem que possui um valor objetivo maior, porque responde ao bem global da pessoa. Por exemplo: alguma vez podemos estar numa situação em que poderíamos dizer a verdade ou não. A tendência natural que temos para a verdade vai-nos apresentá-la como um bem. Mas também temos uma tendência natural à aprovação das pessoas que, nesse caso concreto, nos vai apresentar a mentira como bem, já que ficaríamos mal diante daquela pessoa se disséssemos a verdade. Essas duas tendências entram em conflito. Qual delas prevalecerá? Vai depender de qual dos dois bens é mais importante para nós e nesta avaliação a afetividade tem um papel decisivo. Se está bem ordenada, ajudará a razão a perceber que a verdade é muito valiosa e que não é desejável a aprovação dos outros se exige renunciar à verdade. Esse amor à verdade acima de outros bens que também nos atraem é precisamente o que chamamos sinceridade. Mas, se a vontade de ficar bem é mais forte do que a atração pela verdade, é mais fácil que a razão se

engane, e mesmo sabendo que isso não é bom, julgue conveniente mentir. Ainda que saibamos perfeitamente que não se deve mentir, consideramos que neste caso é bom fazê-lo.

A afetividade ordenada ajuda a fazer o bem porque ajuda, antes, a percebê-lo. Por isso, interessa muito saber formá-la. Mas como conseguir isso? Vamos expor algumas ideias no próximo artigo. Agora limitar-nos-emos a realçar algo que é bom saber antes de enfrentar este tema.

A vontade e os sentimentos

Acabamos de afirmar que uma afetividade ordenada ajuda a atuar bem. Pode dizer-se o mesmo no sentido contrário: atuar bem ajuda-nos a ordenar a afetividade.

Sabemos por experiência – e é bom não esquecer se não quisermos sofrer frustrações e desânimos – que não podemos controlar diretamente os nossos sentimentos: se de repente ficamos desanimados não adianta apenas *decidirmos* ficar alegres. E acontece o mesmo se queremos ser mais audazes em algum momento determinado, ou menos tímidos, ou não ter medo, vergonha, ou não sentir atração por algo que julgamos desordenado. Outras vezes, quem sabe, desejaríamos estar mais à vontade com uma pessoa por quem temos uma certa rejeição involuntária por razões ínfimas, mas que não conseguimos superar e percebemos que simplesmente querer lidar com ela com simplicidade não resolve a dificuldade. Em suma, não basta uma decisão voluntária para que os sentimentos se ajustem aos nossos desejos. Mas, por outro lado, não é porque a vontade não controla diretamente os sentimentos que ela não exerce nenhuma influência sobre eles.

Na ética, o controle que a vontade pode exercer sobre os sentimentos qualifica-se como *político*, porque é semelhante ao que um governante tem sobre as decisões dos seus subordinados: não pode controlá-las diretamente, uma vez que eles são livres; mas pode tomar certas medidas – por exemplo, diminuir os impostos – esperando que produzam certos resultados (o aumento do consumo ou dos investimentos) por meio da vontade livre dos

cidadãos. Nós também podemos realizar certos atos esperando que suscitem sentimentos concretos: considerar o bem que um trabalho apostólico pode fazer e assim sentirmo-nos mais audazes para pedir donativos para o seu início. Podemos considerar a nossa filiação divina esperando que um contratempo profissional nos afete menos no campo sensível. Sabemos que tomar uma dose alta de álcool pode provocar um estado transitório de euforia; e que se voluntariamente ficarmos dando voltas aos pensamentos, quando alguém nos tratou de uma forma de que não gostamos, pode provocar-nos reações de ira. Estes são apenas alguns exemplos da influência, sempre indireta, que a vontade pode exercer a curto prazo sobre os sentimentos.

Mas é muito mais importante a influência que a vontade exerce sobre a afetividade a longo prazo, porque é precisamente esse tipo de influência que permite *dar-lhe forma*, formá-la. Ao refletir sobre esse processo, percebe-se claramente que a pessoa é *una* e que a formação só atinge o seu objetivo se alcançar a inteligência, a vontade e os afetos. No próximo artigo, vamos deter-nos nisso.

[Voltar ao índice](#)

Notas

[1] Fernando Ocáriz, Carta Pastoral, 14-02-2017, n.8

[2] Cf. Concílio Vaticano II, Constituição pastoral *Gaudium et spes* (7-02-1965), n.22

[3] F. Ocáriz, Carta Pastoral, 14-02-2017, n.8

[4] S. Josemaria, Sulco, n.84: “A tua felicidade na terra identifica-se com a tua fidelidade à fé, à pureza e ao caminho que o Senhor te traçou.” Cf. também, por exemplo, S. Josemaria, Instrução, maio-1935/14-IX-1950, 60; Instrução, 8-XII-1941, 61; S. Josemaria, Amigos de Deus, n.189

[5] S. Josemaria, Cristo que Passa, n.96

[6] Basta mencionar, como exemplo, o título da homília “Amar o mundo apaixonadamente”, em Entrevista com Mons. Josemaria Escrivá, nn. 113-123.

[7] S. Josemaria, Amigos de Deus, n.183

[8] S. Josemaria, Caminho, n.206

A razão mais sobrenatural

José Ignacio Murillo

Ao começar a Sua pregação na sinagoga de Nazaré, o Senhor lê aos presentes uma passagem de Isaías: "O Espírito do Senhor está sobre mim, Ele me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a anunciar a redenção aos cativos e a devolver a vista aos cegos, para libertar os oprimidos e promulgar o ano da graça do Senhor" (*Lc 4, 18-19; Is 61, 1-2*). E depois de enrolar o livro, declara: "Hoje cumpriu-se esta passagem da Escritura que acabais de ouvir" (*Lc 4, 21*).

Jesus apresenta-se assim como libertador. Antes de mais, daquilo que reduz a liberdade interior: a cegueira da ignorância, o cativo do pecado, a opressão do diabo. De facto, não são raras as alusões à liberdade e à libertação para aqueles que O seguem: "Se permanecéis na Minha palavra, sereis verdadeiramente Meus discípulos, conhecereis a verdade, e a verdade vos fará livres" (*Jo 8,31*).

Os primeiros cristãos tinham uma consciência profunda e exultante da liberdade. Jesus era para eles o Salvador. Ele não os libertara de um jugo para lhes impor outro diferente, mas quebrara todos os laços que os impediam de viver uma vida plena. Esta plenitude que agora se lhes apresentava como possível revela-se na alegria que emanava das suas vidas. "Estai sempre alegres", exorta Paulo, "orai sem cessar, dai graças por tudo. Esta é a vontade de Deus para cada um, em Cristo Jesus" (*1 Ts 5, 16-18*).

No princípio, Deus cria o ser humano como senhor do que foi criado, "o Supremo Artífice fez a nossa natureza como uma espécie de instrumento apto para o exercício da realeza. E para que o homem fosse completamente idóneo para isso, dotou-o não apenas de excelências na alma, mas na própria configuração do corpo. E é assim que a alma revela a sua elevada

dignidade régia (...), pelo facto de não reconhecer ninguém como senhor e fazer tudo pelo seu próprio arbítrio. Ela, por sua própria vontade, como dona de si, governa-se a si mesma. E de quem mais é próprio esse atributo, senão do rei? " [1].

Pelo pecado, o homem vê-se reduzido à escravidão, mas Deus levanta-o com a esperança de uma salvação futura (cf. *Gn 3,15*). Este desejo de nos redimir manifesta-se, por exemplo, quando liberta o seu povo da escravidão no Egito e lhe promete uma terra, que ele deverá conquistar, mas que será, antes de mais, a Terra prometida: um dom de Deus, onde Lhe poderá render culto com liberdade. "Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da escravidão" (*Ex 20, 2*). E acrescenta: "Não terás outro deus além de Mim" (*Ex 20, 3*). É precisamente assim que Deus apresenta ao Seu povo os Mandamentos do Decálogo, como as condições para ser verdadeiramente livre e não cair de novo na servidão. Deus não procura impor-se como um tirano, mas sim dar ao Seu povo a capacidade de O aceitar livremente como Senhor.

Esta aposta de Deus na liberdade entende-se se o primeiro Mandamento - do qual, segundo Jesus Cristo, dependem toda a lei e os profetas (cf. *Mt 22, 40*) - não for outro senão o Amor: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo (*Mt 22, 37-39*). Porque este não é um preceito qualquer. Outras coisas podem mandar-se e impor-se pela força e a coação. Mas o amor não se pode exigir assim. Deus pede-o como quem ama, só depois de Ele ter manifestado o Amor que nutre pelo Seu povo, só depois de ter mostrado de inúmeras formas o Seu amor e o Seu cuidado. É que ao amor verdadeiro só se pode convidar, é preciso conquistá-lo, porque ele só pode ser fruto da liberdade. E para descobrir e se deixar alcançar por este Amor, é essencial "fomentar a liberdade interior, que leva a fazer as coisas por amor" [2].

Um sentido para a liberdade

Precisamente para O podermos amar verdadeiramente, Deus criou-nos livres. É assim que Ele olha para nós e em nós se compraz. Custa-nos entender isto porque nós, os seres humanos, não sabemos criar seres livres.

Quando muito, produzimos autómatos que realizam aquilo para o qual os projetamos, ou simulamos a liberdade, criando artefactos que funcionam de modo aleatório. Mas somos incapazes de fazer uma criatura que possa decidir por si mesma. No entanto, é isso que Deus faz connosco ao criar-nos e ao redimir-nos do pecado, que limitava a nossa liberdade.

Ser livre não é, em primeiro lugar, não ser determinado ou condicionado por algo externo, mas sim ser capaz de apoiar as nossas ações e as nossas respostas. Por isso a liberdade anda de mãos dadas com a responsabilidade. Ser livre é ser capaz de responder e, portanto, de estabelecer um diálogo pleno e real com outras pessoas e, acima de tudo, com o nosso Criador.

A liberdade não é assim uma coisa adicionada, uma característica de que poderíamos prescindir e continuar a ser nós mesmos. A liberdade que Deus quer para nós é verdadeira e tão profunda como o nosso ser. O seu reconhecimento é um grande avanço do ser humano: «A paixão pela liberdade, a sua exigência por parte de pessoas e povos é um sinal positivo do nosso tempo. Reconhecer a liberdade de cada mulher e de cada homem significa reconhecer que são pessoas: donas e responsáveis pelos seus próprios atos, e com a possibilidade de orientarem a sua própria existência» [3].

Deus, que nos ama como somos porque nos criou, quer-nos livres porque nos ama por nós mesmos, e só se conforma com a abertura livre e amorosa da nossa intimidade: "Dá-Me, Meu filho, o teu coração" (*Prov 23, 26*). Assim se compreende que aquele *porque me dá na realíssima gana* [4] seja, para S. Josemaria, a razão mais sobrenatural para fazer o bem, aquela em que se enlaça o mistério do amor criador e redentor de Deus com a resposta real da sua criatura amada, que tem em si a possibilidade de O reconhecer como Pai e de aceitar com confiança a vontade de Quem só pode querer o bem do Seu filho/a.

Deus pôs o nosso destino nas nossas mãos. Não, certamente, no sentido de que podemos alcançar pelas nossas forças tudo o que Ele nos tem preparado, mas sim porque está nas nossas mãos convertermo-nos a Ele, que é Quem nos pode fazer felizes [5]. Reconhecer essa capacidade de amar

a Deus livremente pode, no princípio, causar-nos medo. Contudo, se *nos dá na realíssima gana* dizer-Lhe que sim, essa mesma convicção de que somos livres enche-nos de alegria e esperança. Como filhos de Deus, sentimo-nos seguros na medida em que queremos apoiar-nos n'Ele. Assim se compreende que S. Josemaria, pensando na sua própria vocação, exclamasse: «Não vos enche de alegria verificar que a fidelidade depende em grande parte de nós? Eu fico entusiasmado ao pensar que Deus me ama e que quis que a Sua Obra dependa também da minha correspondência. E alegro-me ao poder dizer-Lhe livremente: Senhor, eu também Te amo, conta com a minha pequenez [6]».

A consideração da nossa liberdade ajuda-nos a apoiar a nossa vida na realidade de que somos filhos de Deus. Não somos um exemplar substituível: a nossa resposta é insubstituível porque somos criaturas amadas por Deus com amor de predileção. Mas podemos perder a consciência de nossa liberdade na medida em que não a exercemos. Nesse caso, é lógico que nos sintamos cada vez mais limitados, condicionados e até mesmo constrangidos pelos nossos estados de espírito ou pelo ambiente. E assim nos podemos questionar se somos livres, ou mesmo se vale a pena sermos livres, se faz algum sentido.

O cristão sabe, no entanto, que a liberdade tem um sentido. Nós não estamos apenas livres de prisões, no poder da nossa própria decisão. Depouco serve libertar alguém e dizer-lhe que pode ir para onde quiser, se não houver um destino para onde se possa dirigir ou, se o houver, não saber, em todo o caso, como chegar lá. Mas Deus não só nos dá a capacidade de nos livrarmos daquilo que nos limita e aprisiona, como nos abre também um horizonte ilimitado, à altura dos nossos anseios mais profundos. Porque Quem criou a nossa liberdade não é, de forma alguma, um limite para a sua implementação: Ele abre-nos a possibilidade de crescer sem medida, pois esta é a maneira de as criaturas livres imitarem a Deus, e oferece-nos, unidos ao Seu Filho unigénito, a possibilidade de desenvolvermos plenamente a nossa personalidade.

Uma autêntica liberdade

S. Josemaria concebia o seu trabalho «como uma tarefa dirigida a situar cada pessoa perante as grandes exigências da sua vida, ajudando-a a descobrir o que Deus lhe pede, em concreto, sem pôr qualquer limitação a essa santa independência e a essa bendita responsabilidade pessoal, que são características de uma consciência cristã. Esta maneira de atuar e este espírito baseiam-se no respeito pela transcendência da Verdade revelada e no amor à liberdade da criatura humana. Poderia acrescentar que se baseia também na certeza da indeterminação da História, aberta a múltiplas possibilidades, que Deus não quis fechar » [7].

Assim, entende-se que, para quem não conhece Cristo, levar a sério a sua própria liberdade é um caminho para encontrar Deus, uma vez que desperta uma busca que mostra as possibilidades da nossa condição, juntamente com as suas evidentes limitações. Mas também aqueles que já amam a Deus, ao aprofundarem por si essa relação, põem-se em condições de estabelecer com Ele um relacionamento mais profundo e verdadeiro.

O que está em harmonia com a dignidade dos filhos de Deus é que nos sintamos "livres como passarinhos"[8], para fazermos o que verdadeiramente queremos, mesmo quando, como Cristo, o que se quer passe por se humilhar e se submeter ao Amor. Não se trata portanto de agir *como se* fôssemos livres: se queremos realmente seguir Jesus, havemos de procurar em nós essa fonte da liberdade autêntica que é a nossa filiação divina, e atuar de acordo com ela, de modo a alcançarmos a liberdade de espírito, que "[...] é essa capacidade e atitude habitual de agir por amor, especialmente no esforço de seguir o que, em cada circunstância, Deus pede a cada um" [9]. Permanecer nela traduz-se na espontaneidade e na iniciativa com que atuamos, e em não nos deixarmos dominar pelo medo. É que a falta de liberdade revela-se frequentemente na nossa tendência a atuar por medo. Os teólogos chamam temor servil ao de quem se afasta do pecado só por medo do castigo. Este medo pode ser um começo para voltar a Deus, mas a vida cristã não se pode apoiar nele, porque «quem teme não é perfeito no amor» (1 Jo 4, 19). Devemos agir «como os que serão julgados pela lei da liberdade» (St 2,12).

O medo pode manifestar-se em muitos âmbitos das nossas vidas. Aquele que teme, embora queira o bem, tem diante de si sobretudo o mal do qual deseja fugir. Por isso, quando o medo é o motor do nosso comportamento, facilmente nos encolhemos e complicamos, a ponto de deixar obscurecer os verdadeiros motivos das nossas ações e os bens que procuramos. Mas se amamos a Deus, se O queremos amar, Ele nos libertará do medo, porque para os que amam a Deus tudo coopera para o bem (cf. *Rm 8, 28*). Esta convicção afasta os nossos medos infundados e permite-nos saborear plenamente a liberdade dos filhos de Deus, atuando com alegria e responsabilidade.

Nós não dizemos que sim a Deus apenas de uma vez por todas: somos seres temporais e temos de renovar e fazer melhorar a nossa resposta ao longo do tempo. Além disso, porque estamos chamados a responder livremente, o Senhor procura em nós uma resposta cada vez mais autêntica. Às vezes, Ele parece até esconder-se, para que a nossa adesão se torne mais livre e mais plena, para a purificar de razões externas e circunstanciais, para que não seja motivada pelo medo, mas sim pelo amor. E essa circunstância não nos deve perturbar. É um convite à fidelidade, que não é a conservação de uma coisa que já se fez, mas a alegre renovação, nas mais diversas circunstâncias, de uma doação a Deus que quer ser liberal e desinteressada. A fidelidade leva-nos a voltar com frequência ao nosso sim para o tornar mais total e para construirmos a partir dele a nossa vida interior, desse ponto em que a graça de Deus e a nossa intimidade mais profunda se encontram.

Recordar frequentemente que não somos autómatos nem animais submetidos ao instinto, mas criaturas livres, com um futuro aberto, que depende da nossa iniciativa, ajudar-nos-á a sair do anonimato e a viver as nossas vidas na primeira pessoa, diante de Deus e diante dos homens, sem delegar em ninguém a responsabilidade que as acompanham. Assim seremos capazes de estabelecer um diálogo autêntico com Deus, uma relação pessoal na qual possa emergir uma amizade verdadeira e profunda. E, fruto desta amizade com Deus, a nossa alma transbordará numa sede urgente para levar este Amor de Deus e este sentido de liberdade que o acompanha a todas as pessoas. Também através da amizade, porque «a

própria amizade é apostolado, a própria amizade é um diálogo, em que damos e recebemos luz, em que surgem projetos, num mútuo abrir de horizontes, em que nos alegramos pelo bem e nos apoiamos no difícil, em que nos divertimos, porque Deus nos quer felizes » [\[10\]](#)

[Voltar ao índice](#)

Notas

[\[1\]](#) Gregório de Nissa, *A Criação do Homem*, 4.

[\[2\]](#) F. Ocáriz, *Carta Pastoral*, 14-2-2017, nº 8.

[\[3\]](#) F. Ocáriz, *Carta Pastoral*, 9-1-2018, nº 1.

[\[4\]](#) S. Josemaria, *Cristo que passa*, nº 17.

[\[5\]](#) «(...) Mas concedeu-lhes o livre arbítrio, pelo qual se podem voltar para Deus, para que Ele os torne bem-aventurados. Pois o que podemos fazer pelos nossos amigos, podemos de alguma forma fazê-lo por nós mesmos», Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I-II, q. 5 a. 5 ad 1.

[\[6\]](#) S. Josemaria, *A sós com Deus*, nº 324.

[\[7\]](#) *Cristo que passa*, nº 99.

[\[8\]](#) S. Josemaria, *Carta*, 14-9-1951, nº 38.

[\[9\]](#) F. Ocáriz, *Carta Pastoral*, 9-1-2018, nº 5.

[\[10\]](#) *Ibidem*, nº 14.

A gratidão leva-nos a lutar

Justin Gillespie

«Será como um homem que, ao partir para fora, chamou os servos e confiou-lhes os seus bens. A um deu cinco talentos, a outro dois e a outro um, a cada qual conforme a sua capacidade; e depois partiu» (Mt 25,14-15). A história de Jesus sobre os talentos é-nos muito familiar e, como toda a Escritura, nunca deixa de nos convidar a uma maior compreensão da nossa vida de relação com Deus. No fundo, a parábola fala de um homem que *confia* generosamente uma grande parte da sua riqueza a três servos. Ao fazê-lo, não os trata como a simples servos, antes os faz participar nos seus negócios. Visto desta maneira, parece que *confiar* é precisamente o verbo adequado: não lhes dá instruções detalhadas, dizendo-lhes exatamente o que fazer. Deixa-o nas suas mãos. A julgar pela sua reacção - o empenho com que se esforçam por multiplicar a riqueza do seu senhor - dois deles compreenderam imediatamente. Receberam o gesto do seu senhor como sinal de confiança. Podíamos até dizer que o viram como um gesto de amor, e por isso procuraram amorosamente agradar-lhe, embora não lhes tivessem sido postas exigências nem condições. «*Aquele que recebeu cinco talentos negociou com eles e ganhou outros cinco*» (Mt 25,16). Do mesmo modo, o que tinha dois talentos ganhou mais dois.

O outro servo, pelo contrário, percebe algo muito diferente. Sente que está a ser posto à prova e, portanto, não pode fracassar. Para ele, é de suma importância não tomar uma decisão errada. «*Aquele que apenas recebeu um foi fazer um buraco na terra e escondeu o dinheiro do seu senhor*» (Mt 25,18). Teme desgostar o seu amo, bem como as consequências que imagina que podiam resultar desse desagrado. Por isso, diz-lhe: «Senhor, disse ele, sempre te conheci como homem duro, que ceifas onde não semeaste e recolhes onde não espalhaste. Por isso, com medo, fui esconder o teu talento na terra. Aqui está o que te pertence» (Mt 25,24-25). Como

pensa que o seu amo é duro e injusto, não pensa que se lhe *confie* nada. Vê-o como um teste difícil, e não como uma oportunidade. E, não querendo falhar nesse teste, resolve agir do modo mais seguro com os bens e interesses de outra pessoa. O resultado é uma atitude fria e desprendida: «*Aqui está o que te pertence*» (Mt 25,25).

Estas duas reacções, tão diferentes, podem ajudar-nos a refletir sobre como estamos a responder ao que Deus nosso Pai nos tem *confiado*: a nossa vida, a nossa vocação cristã. Ambas têm um valor imenso aos seus olhos. E Ele colocou-as nas nossas mãos. Como é a nossa resposta?

Lutar por gratidão, não por medo

Para os dois primeiros servos da parábola, a confiança do seu senhor era um verdadeiro presente. Sabiam que não o mereciam, não tinham direito a esperar dele semelhante encargo. De um modo novo, perceberam que a relação com o seu amo não se baseava no êxito ou no fracasso do que faziam, mas no modo como ele os via. Para além do que eram *de facto* no momento presente, era capaz de intuir o que *podiam chegar a ser*. Visto desta maneira, é fácil imaginar o profundo sentido de gratidão que brotaria dos seus corações. Receber um olhar de esperança é um autêntico dom, e a resposta mais natural a um presente é querer dar algo em troca.

Se não temos isto presente, podemos não perceber a importância da luta na nossa vida cristã. Se nos esforçamos por conseguir êxito para assim *merecer* ser amados, é muito difícil que a luta nos leve a experimentar uma paz genuína. Esforçar-se por ser amado, ainda que seja inconscientemente, significa sempre que os fracassos e os reveses irão conduzir a um profundo desalento ou, pior ainda, a que a amargura invada a alma. Pelo contrário, fundamentar a nossa luta na gratidão ajuda-nos a evitar este perigo.

A parábola sugere ainda que os dois primeiros servos receberam aquele dom com um sentido de missão, uma missão única e pessoal. O amo, diz-se, deu a cada um «conforme a sua capacidade» (Mt 25,15). É pouco provável que os servos tivessem alguma experiência anterior de investimento e controlo de grandes quantias. Contudo, ao confiar neles, ao olhá-los

segundo o que podiam chegar a ser, o seu senhor chamava-os de facto a ser mais, a esforçar-se por alcançar o que ainda não eram. Por outras palavras, com aqueles bens, conferia-lhes uma missão completamente particular. E, uma vez que viram o dom nestes termos, foram inspirados e animados para estar à altura deste chamamento. Fizeram seus os assuntos do seu senhor e esforçaram-se por empreender algo de que não tinham experiência. Começaram a aprender, a crescer e a desafiar-se a si próprios, por gratidão, desprezando qualquer medo.

Como na parábola, Deus Pai também nos chama a cada um de nós de acordo com o que Ele vê que *podemos chegar a ser*. Isto é o mais importante, e o que queremos descobrir de novo na nossa oração: como Deus nos vê, e não, como nós próprios o fazemos. Queremos assegurar-nos de que a nossa luta se centre n'Ele, não em nós. Precisamente porque posso estar seguro da atitude de Deus quanto a mim, posso esquecer-me de mim próprio e lançar-me a desenvolver e fazer crescer os bens que me foram confiados para sua glória e para o bem dos outros. Esta luta vai-nos levar a crescer nas virtudes da fé, da esperança e da caridade, e em todas aquelas virtudes humanas que nos permitem trabalhar com excelência e ser verdadeiros amigos dos nossos amigos.

Uma luta inspirada no exemplo de Jesus

Cada um de nós anseia pela paz e consolo, um descanso de todos os nossos esforços. Jesus entende-o perfeitamente, e por isso nos convida: «Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei-de aliviar-vos. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para o vosso espírito. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve» (*Mt 11,28-30*). Experimentaremos plenamente este descanso no final dos tempos, quando ressuscitarmos e toda a criação se saciar de Deus como as águas enchem os mares (cf *Is 11,9*). No momento presente, pelo contrário, a paz e o descanso que Jesus nos oferece estão intimamente ligados à necessidade de tomar o seu jugo e de *lutar* por O seguir.

«Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me» (Mc 8,34). As palavras de Jesus não são um requisito severo, arbitrariamente imposto. Pelo contrário, são fonte de um imenso consolo. Cristo vai à nossa frente e experimenta na sua própria carne os desafios, temores e dores que surgem, num mundo marcado pelo pecado, ao responder livremente ao chamamento do Pai. Jesus não nos pede *lá de longe* que lutemos, mas esteve ali antes de nós; precede-nos sempre. «De facto, não temos um Sumo Sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, pois Ele foi provado em tudo como nós, excepto no pecado. Aproximemo-nos, então, com grande confiança, do trono da graça, a fim de alcançar misericórdia e encontrar graça para uma ajuda oportuna» (Heb 4,15-16). O Senhor propõe-nos algo que Ele próprio já viveu.

Ao falar do modo como Simão de Cirene levou a cruz *com* Jesus, S. Josemaria anima-nos a cada um a descobrir como ser *cireneus* na nossa vida: «Ser voluntariamente Cireneu de Cristo, acompanhar tão de perto a sua Humanidade sofredora, reduzida a um farrapo, para uma alma enamorada não significa infelicidade, antes traz a certeza da proximidade de Deus, que nos abençoa com essa escolha»[1]. A descoberta consiste em que a minha luta - uma luta que podia sentir-se como injusta, tal como Simão – passe a ser levada em frente *com* Jesus. Trata-se de uma união com Ele no momento presente, no esforço, e não só quando obteve êxito. Aceitá-la voluntariamente, como consequência inerente ao dom da minha vocação cristã, supõe abrir a porta à descoberta de que o próprio Jesus se está a esforçar *em mim e comigo*. Portanto, «já não se leva uma cruz qualquer, descobre-se a Cruz de Cristo, com o consolo de que o Redentor se encarrega de suportar o peso»[2].

O Senhor convida-nos simultaneamente a ver os resultados de uma vida que abraça a Cruz: a vitória sobre o pecado e a morte, e a sua glorificação pelo Pai. Por causa da Ressurreição, em Jesus temos uma prova absolutamente inquebrantável do valor que tem esforçar-se por ser fiel ao que o nosso Pai Deus nos confiou. Como nos diz S. Paulo: «Com efeito, a nossa momentânea e leve tribulação proporciona-nos um peso eterno de glória» (2Cor 4,17). Junto de Jesus podemos olhar para a Cruz e ver, não uma dor inútil e sem sentido, mas vitória e redenção. Deste modo, seremos

capazes de enfrentar os desafios e as dificuldades que necessariamente surgem quando tratamos de seguir fielmente Cristo no seu exemplo por multiplicar e fazer frutificar o que o Pai lhe tinha confiado.

A graça transfigura a luta, sem a eliminar

O servo que enterrou o talento talvez se tenha sentido oprimido, até entristecido pelo esforço que implicava o que via os seus companheiros a fazer. Comparando-se com eles, e talvez sentindo-se inadequado para tal tarefa, procurou um caminho mais fácil e seguro. Assim, cavou um buraco e enterrou o que lhe tinha sido confiado, juntamente com todas as possibilidades que vinham com ele. Este enredo básico repete-se cada vez que evitamos o esforço e a incomodidade que exigem conseguir qualquer coisa que valha a pena na vida. Não devemos esquecer que a luta e o esforço na busca amorosa do bem não são injustos nem arbitrários. Fazem parte da própria natureza da vida, a vida que o Senhor santificou. No nosso caminho na terra, a união com Jesus acontecerá precisamente através de uma luta livre e amorosa por crescer nas virtudes sobrenaturais e humanas. Porque a graça não substitui a dinâmica própria da vida humana, antes a une a Deus.

Se considerarmos isto, os nossos esforços e a nossa luta não serão expressão de auto-suficiência ou de *neopelagianismo*. Não devemos esquecer nunca que, como escrevia S. Paulo aos Filipenses, «é Deus quem, segundo o seu desígnio, opera em vós o querer e o agir» (Fl 2,13). A luta não se opõe, portanto, à ação da graça em nós. No fundo, o crescimento nas virtudes teologais não é outra coisa senão *amor* - divino e humano -, e a santidade é, precisamente, «a plenitude da caridade» [3].

S. Josemaria exprime esta mesma verdade teológica a partir da perspectiva da oração: «Depois, enquanto falavas com o Senhor na tua oração, compreendeste com maior clareza que a tua luta é sinónimo de Amor, e pediste-Lhe um Amor maior, sem medo ao combate que te espera, porque lutarás por Ele, com Ele e n'Ele» [4]. Quanto mais tentarmos viver a nossa luta como *amor*, mais se fortalecerá o desejo de que esse amor, essa *luta*, aumente. Superaremos a tentação de enterrar o que recebemos devido

ao desejo de evitar as incomodidades e, em vez disso, iremos investi-lo com todo o empenho que esse encargo necessariamente implica.

Livres para crescer, livres para aprender

Na sua carta pastoral de 9 de janeiro, o Padre ajuda-nos a considerar mais profundamente a relação íntima entre liberdade e luta nas nossas vidas: «Quanto mais livres formos, mais podemos amar. E o amor é exigente: “Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1Cor 13,7)»[5]. Por sua vez, quanto mais amamos, mais livres nos sentimos, inclusivamente nos momentos difíceis ou desagradáveis. «Quanto mais intensa for a nossa caridade, mais livres seremos. Também atuamos com liberdade de espírito quando não nos apetece fazer uma coisa, ou a achamos especialmente difícil, e a fazemos por amor, ou seja, não porque nos agrada, mas porque *nos dá na real gana*»[6].

Não se trata de uma *técnica* para conseguir fazer o que não nos apetece, apagar uma realidade sombria com as palavras ‘amor’ e ‘liberdade’. Trata-se, antes, de uma verdade profunda das nossas almas que cada um de nós está convidado a descobrir. Quanto mais nos identificarmos com o dom que Deus nos concedeu, com os nossos talentos e a nossa missão, mais dispostos estaremos a lutar, quando for preciso, para cuidar e cultivar esse dom. Não nos movem o medo, nem o peso da obrigação, mas o agradecimento a Deus, e o desejo de corresponder ao seu Amor. «A fé no amor de Deus por cada uma e por cada um (cf 1Jo 4, 16) leva-nos a corresponder por amor. Podemos amar, porque Ele nos amou primeiro (cf 1Jo 4,10). O facto de sabermos que o amor infinito de Deus se encontra não apenas na origem da nossa existência, mas também em cada momento, porque *Ele é mais íntimo a nós do que nós mesmos*, dá-nos toda a segurança»[7].

Nos últimos tempos tem-se trabalhado muito para voltar a entender a importância da luta dentro do desenvolvimento humano integral, especialmente na área do trabalho profissional e da educação. «Pensai um pouco nos vossos colegas que sobressaem pelo seu prestígio profissional, pela sua honradez e pelo seu serviço abnegado. Não dedicam muitas horas

do dia - e até da noite - a essa tarefa? Não teremos algo a aprender deles?»[8]. Certamente podemos aprender deles a lutar melhor, e assim a ser livres para amar mais. Além disso, aqueles que lutam melhor costumam ter uma *luta aberta*. Não veem as suas habilidades –os seus *talentos* - como algo fixo ou determinado. Como os dois primeiros servos da parábola de Jesus, entendem que o que se lhes confia está destinado a crescer através do esforço e da luta. Se seguirmos este exemplo, percebemos que a luta em si mesma vale a pena: os reveses e as dificuldades já não aparecerão como fracassos, mas como oportunidades para aprender e melhorar; não experimentaremos o esforço como uma carência, mas como sinal de progresso; e, em vez de nos sentirmos feridos porque veem os nossos defeitos, desejaremos conhecer a nossa debilidade e receber conselho de outros.

Os dois primeiros servos da parábola, provavelmente, acreditaram que o que se lhes tinha confiado podia crescer. Foram atraídos e inspirados pela confiança do seu amo. Nós podemos sentir-nos igualmente inspirados, igualmente livres, quando descobrimos uma vez mais como o amor do nosso Pai Deus se encontra na missão única que nos confiou a cada um de nós. Uma missão que implica sacrifício e luta para a levar a cabo.

O Senhor confiou-nos uma missão maravilhosa. Quis contar connosco para tornar o seu Amor infinito presente no meio do mundo em que vivemos. Por isso, «saber que Deus nos espera em cada pessoa (cf *Mt* 25, 40) e quer tornar-se presente nas suas vidas, também através de nós, levamos a procurar dar, a mãos cheias, aquilo que recebemos. E na nossa vida, minhas filhas e meus filhos, recebemos e estamos a receber muito Amor. Dá-lo a Deus e aos outros é o ato mais próprio da liberdade. O amor *realiza a liberdade*, redime-a: faz com que ela se encontre com a sua origem e com o seu fim, no Amor de Deus»[9]. Os dois servos que cultivaram os dons do seu amo descobriram, no fim, uma recompensa muito maior do que podiam ter imaginado: «Muito bem, servo bom e fiel, foste fiel em coisas de pouca monta, muito te confiarei. Entra no gozo do teu senhor» (*Mt* 25,23). Este é o gozo que procuramos, e é também o gozo que nos acompanha na nossa luta, cheia da esperança que fez S. Paulo exclamar: «Porque estou

convencido de que os sofrimentos do tempo presente não têm comparação com a glória que há-de revelar-se em nós» (Rm 8,18).

[Voltar ao índice](#)

Notas

[1] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, 132.

[2] *Idem*.

[3] S. Josemaria, *Sulco*, 739.

[4] *Idem*, nº. 158.

[5] F. Ocáriz, *Carta pastoral*, 9-I-2018, nº 5

[6] *Idem*.

[7] *Idem*, nº 4.

[8] *Amigos de Deus*, nº 60.

[9] F. Ocáriz, *Carta pastoral*, 9-I-2018, nº 4.

Sentido de missão (I)

Lucas Buch

Há uma cena nos primeiros capítulos do livro dos *Atos dos Apóstolos* que não perdeu nem um bocadinho de força. Depois de serem presos, os apóstolos são libertados milagrosamente por um anjo e, em vez de fugir das autoridades, voltam para o templo para ensinar. De novo são capturados e conduzidos aos príncipes dos sacerdotes. Estes, surpresos com o que veem, perguntam: “Não vos proibimos expressamente de ensinar nesse nome?”. Os apóstolos, em vez de se intimidarem, respondem: “Importa mais obedecer a Deus do que aos homens.” (At 5, 28-29).

Os primeiros cristãos herdaram essa profunda convicção. O livro dos *Atos dos Apóstolos* recolhe inúmeros exemplos, e a história dos primeiros séculos do cristianismo é suficientemente eloquente. Com a naturalidade do que é autêntico, por vezes deparamo-nos com a própria necessidade: “não podemos deixar de afirmar o que vimos e ouvimos” (At 4, 20). Os que creem são capazes de enfrentar castigos, e inclusive a morte, sem perder a alegria. Há algo nos seus corações que os faz felizes, uma plenitude e uma Vida que nem sequer a morte lhes pode tirar, e que não podem deixar de compartilhar. Para nós, que chegámos à Igreja muito tempo depois, surge uma pergunta clara: tudo isso é coisa do passado? Ou deveríamos ser assim também?

A atualidade do chamamento

Talvez pensemos que existe um abismo entre nós e aqueles primeiros cristãos, que eles tinham um grau de santidade que jamais poderemos alcançar, que a proximidade física com Jesus (ou pelo menos com algum dos Doze) os fez quase impecáveis e lhes deu um fogo por dentro de tal

maneira que nada nem ninguém podia apagar. Na realidade, basta abrir o Evangelho para sabermos que não é bem assim.

Muitas vezes os apóstolos se apresentam como homens com misérias: assim como nós. Por outro lado não têm uma preparação intelectual especial. Jesus envia os primeiros 72 quando estavam havia apenas algumas semanas com Ele... (cfr. *Lc* 10, 1-12). No entanto, os primeiros fiéis da Igreja têm uma ideia muito clara: que Jesus Cristo, o Senhor, morreu e ressuscitou por cada um deles, que lhes entregou o Dom do Espírito Santo e que conta com eles para que essa Salvação chegue ao mundo inteiro. Não é questão de preparação, nem de ter condições excepcionais para o apostolado; trata-se simplesmente de acolher o chamamento de Cristo, de se abrir ao Seu Dom e de corresponder com a própria vida. Talvez por isso o Papa Francisco quis recordar, com palavras de São Paulo, que “Foi assim que Ele nos escolheu em Cristo antes da constituição do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis na Sua presença, no amor’ (*Ef* 1, 4)”^[1].

A Igreja de todos os tempos tem consciência de ter recebido um chamamento e, com ele, uma tarefa. Mais ainda, ela mesma é esse chamamento e essa tarefa: a Igreja é “missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na «missão» do Filho e do Espírito Santo”^[2]. Não é apenas um desejo bonito, ou uma empresa humana, mas “continua e explícita através da história a missão do próprio Cristo”^[3]. Por outras palavras, a Igreja – e, nela, cada um dos seus fiéis – é continuação da missão de Cristo, que foi enviado à Terra para trazer e consumir o Amor de Deus pelas suas criaturas. E isso é possível porque o Senhor lhe enviou – e nos envia também a nós – o Espírito Santo que é o princípio desse mesmo Amor.

Deste modo, nós também somos fruto de um chamamento, e a nossa vida consiste numa tarefa no mundo e para o mundo. A nossa vida espiritual e a ideia que temos sobre o apostolado muda quando as consideramos a partir desta perspectiva. O Senhor procurou-nos e envia-nos ao mundo para partilhar a Salvação que recebemos com todos. “Ide, pregai o Evangelho... Eu estarei convosco...” - Isto disse Jesus... e disse-to a ti”^[4]. Disse-mo *a mim*: a cada uma e cada um. Na presença de Deus,

podemos considerar: “Sou cristão porque Deus me chamou e me enviou...”. E do fundo do coração, movidos pela força do Seu Espírito, responderemos com as palavras do Salmo: “Eis que venho para cumprir a Tua vontade!» (cfr. Sl 40,8-9)

A experiência de um *mandato imperativo*

Durante os anos 50, quando viajava pela Europa para visitar os primeiros fiéis do Opus Dei que foram para diferentes países começar o trabalho apostólico da Obra, S. Josemaria «dirigia com frequência a oração da tarde dos que o acompanhavam, fazendo-os considerar o texto evangélico em que o Senhor diz aos apóstolos: Eu vos escolhi para irdes... *ut eatis*»[5]. Era como um refrão. Tentava fazer com que as palavras de Jesus ressoassem nos corações das pessoas que estavam perto dele. Assim procurava que se reafirmassem na verdade que dava sentido à sua vida e que mantivessem vivo o sentido de missão, motor de toda a sua vida: «Não fostes vós que me escolhestes; fui Eu que vos escolhi a vós e vos destinei a ir e a dar fruto, e fruto que permaneça.» (Jo 15,16).

Já lemos – e escutámos – muitas histórias das primeiras pessoas que seguiram o Senhor no Opus Dei: o primeiro círculo, no asilo de *Porta Coeli*; a primeira Residência, na Rua Ferraz; a intensa vida de família que S. Josemaria procurou cultivar durante os anos dramáticos da Guerra Civil; a primeira expansão por Espanha; a chegada a Roma; a rápida expansão por todo o mundo... aqueles jovens – e alguns não tão jovens – seguiam o Fundador conscientes de estar seguindo um autêntico chamamento de Deus. Por meio da Obra, tinham encontrado e descoberto um tesouro pelo qual valia a pena dar a toda a vida: o Amor de Cristo, a missão de levar esse Amor ao mundo inteiro, de aproximar muitas pessoas do Seu calor, de acender os corações com esse fogo divino. Não precisavam de que ninguém lhes recordasse: era urgente propagar o incêndio. E isso é muito compreensível: «O bem tende sempre a comunicar-se. Toda a experiência autêntica de verdade e de beleza procura, por si mesma, a sua expansão»[6].

Alguns eram jovens e entusiastas, outros, talvez mais frios e racionais; mas todos estavam convencidos de que, por trás daquele jovem sacerdote e

da obra que tinha nas mãos, havia um querer explícito de Deus. Por isso foram capazes de aceitar o convite do Senhor, deixar tudo e segui-Lo. Tinham experimentado aquilo que S. Josemaria lhes dizia: “não esqueçais, meus filhos, que não somos almas que se unem a outras almas para fazer uma coisa boa. Isso já é muito... mas é pouco. Somos apóstolos que *cumprimos um mandato imperativo de Cristo*”[7]. E, como seguiam Jesus com plena liberdade, aquele mandato não era um peso. Pelo contrário. É o que o Fundador também repetia: «essa convicção sobrenatural da divindade da empresa dar-vos-á um entusiasmo e amor tão intenso pela Obra, que vos sentireis ditosíssimos sacrificando-se para que ela se realize»[8]. Não precisavam de que ninguém explicasse o sentido dessas palavras: simplesmente viviam-no.

Não fazemos apostolado, somos apóstolos!

Contemplar as histórias dos começos não nos deixa indiferentes. Já se passaram muitos séculos desde a pregação apostólica. Ainda não passaram cem anos desde a fundação da Obra. Toda a história da Igreja nos permite compreender que o chamamento do Senhor continua ressoando através dos séculos, no coração de cada pessoa que crê – no nosso. O Amor fez-se presente na nossa vida, fomos alcançados por Cristo (cf. *Fl* 3,12): agora cabe a cada uma e a cada um abraçar esse Amor e deixar que as nossas vidas sejam transformadas por Ele. Uma coisa vai unida à outra. Quanto mais centrada em Cristo está a nossa vida, mais «o sentido de missão da nossa vocação se fortalece, com uma entrega plena e alegre»[9].

Os primeiros e as primeiras na Obra, como aqueles primeiros cristãos, encontraram Jesus Cristo, abraçaram com todas as forças o Seu Amor e a missão que lhes propunha, e viram como a sua vida se transformava de um modo maravilhoso. Neles se cumpriu o mesmo que o Padre nos quis recordar um pouco depois de ter sido eleito: “Somos livres para amar um Deus que chama, um Deus que é amor e que põe em nós o amor para amá-Lo e amar os outros. Esta caridade dá-nos plena consciência da nossa missão, que não é um apostolado exercido de modo esporádico ou eventual, mas de modo habitual e por vocação, tomando-o como o ideal de toda a vida”»[10].

A missão apostólica, que preenche toda a vida, não é um encargo que alguém nos impõe, nem uma carga que se soma às nossas obrigações quotidianas; é a expressão mais exata da nossa própria identidade, que o chamamento nos fez descobrir: “não fazemos apostolado, somos apóstolos!”[11]. Ao mesmo tempo, ao *viver essa missão*, a nossa identidade de apóstolos reforça-se. Nesse sentido, a vida de S. Paulo é sempre uma fonte de inspiração. Quando lemos as histórias das suas viagens, chama a atenção a quantidade de vezes que a sua missão não atinge o resultado esperado. Na primeira viagem, por exemplo, é rejeitado pelos judeus em Antioquia da Pisídia e mais tarde é expulso da cidade; tem que fugir de Icônio, ameaçado de morte; é lapidado numa cidade de Licaónia... (cfr. At 13-14).

Mas mesmo assim, o “apóstolo das gentes” não perde de vista o chamamento que Jesus lhe fez a caminho de Damasco, e depois concretizou quando chegou a essa cidade. Por isso, não se cansa de repetir: “O amor de Cristo nos impele!” (2 Co 5,14) Inclusive quando escreve para uma comunidade que ainda não o conhece não tem medo de se apresentar como “Paulo, servo do Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo, separado para o Evangelho de Deus”(Rm 1,1). Esse é ele: apóstolo por vocação, chamado para ser apóstolo, e logo depois se dirige àqueles fiéis como “chamados a pertencer a Jesus Cristo (...), amados de Deus e santos por vocação”(Rm 1, 6-7). Paulo sabe que é chamado por Deus, mas tem consciência de que na realidade todos os fiéis também o somos [12]. O seu sentido de missão leva-o a viver uma fraternidade que ultrapassa os laços terrenos. Analogamente à pergunta “quem sou eu?”, poderíamos responder: “sou alguém amado por Deus, salvo por Jesus Cristo, escolhido para ser apóstolo, chamado a levar o Amor que recebi a muitas pessoas. Por isso o apostolado não é um *encargo* para mim... e sim uma necessidade”. Depois de ter encontrado Jesus Cristo, sabemos que somos sal e luz, e por isso não podemos deixar de dar sabor, de iluminar, onde quer que estejamos. Esta é uma daquelas descobertas que revoluciona a vida espiritual, e que ninguém pode fazer por mim.

Com a força do Espírito Santo

Quando descobrimos o Senhor na nossa vida, quando nos sabemos amados, chamados, escolhidos, e decidimos segui-Lo, “é como se se acendesse uma luz dentro de nós, é um impulso misterioso, que empurra o homem a dedicar as suas energias mais nobres a uma atividade que, com a prática, chega a tornar-se vida própria”[13].

A missão apostólica é, em primeiro lugar, “como se se acendesse uma luz dentro de nós”. A escuridão própria da existência, que consiste em não saber com certeza o sentido da nossa vida, desvanece-se. O convite que Jesus nos faz permite-nos compreender o nosso passado e, ao mesmo tempo, oferece-nos uma rota clara para o futuro. O próprio Jesus viveu assim a Sua vida na Terra. Quando uma multidão de pessoas pede que fique num lugar, Ele sabe que deve continuar a Sua viagem, «porque para isto fui enviado» (Lc 4,43). Inclusive ao encarar a Sua Paixão permanece sereno e confiante, e diante do juiz romano não duvida: “Para isto nasci, para isto vim ao mundo: para dar testemunho da Verdade. Todo aquele que vive da Verdade escuta a minha voz.”(Jo 18, 37).

Viver com *sentido de missão* é saber-mo-nos em todos os momentos enviados pelo Senhor para levar o Seu Amor àqueles que estão à nossa volta: fomos criados para isso. É também em cada momento decidir o que fazer, em função dessa missão que dá conteúdo e finalidade à nossa passagem pela Terra. Podem existir dificuldades, obstáculos, contradições; haverá momentos de escuridão; mas a estrela que indica o norte continua a brilhar sempre no firmamento. A minha vida tem um porquê, existe uma luz que me orienta.

Essa luz da missão, ao mesmo tempo, é *impulso*. Mas não como uma força humana. Logicamente haverá momentos de entusiasmo sensível na nossa vida, nos quais sentiremos o desejo ardente de espalhar o fogo de Cristo às pessoas ao nosso redor. Porém, qualquer pessoa que já esteja a seguir o Senhor há algum tempo pôde comprovar que o impulso humano vai e vem. Isso não tem nada de mau: é humano, e os santos são os primeiros que passaram por isso, como nos recorda, sem precisar de ir mais longe, a vida do Bem-Aventurado Álvaro del Portillo. Como se sabe, pouco

depois de pedir a admissão na Obra teve que escrever ao Fundador para reconhecer que o seu entusiasmo tinha passado[14].

Em tudo isso, é bom não perder de vista que a autêntica força, o dinamismo que nos leva a sair de nós mesmos para servir os outros “não é uma estratégia, mas a própria força do Espírito Santo, Caridade incriada”[15]. Efetivamente, “nenhuma motivação será suficiente se nos corações não arde o fogo do Espírito”, e precisamente por isso, “para manter vivo o ardor missionário, é necessária uma decidida confiança no Espírito Santo, porque Ele «vem em auxílio da nossa fraqueza» (Rm 8, 26). Mas esta confiança generosa tem de ser alimentada e, para isso, precisamos de invocá-Lo constantemente”[16]. Os fiéis do Opus Dei invocamo-Lo diariamente na Missa, nalgumas orações vocais, como o terço ou as Preces da Obra. Em alguns momentos pode ajudar-nos recorrer a algumas orações dirigidas especialmente a Ele, como a Sequência do Pentecostes, o Hino *Veni Creator Spiritus*, ou outras tantas orações que Lhe foram sendo dedicadas ao longo dos séculos. Em todas elas Lhe pedimos que venha, que nos transforme, que nos encha do Amor e força que moveram Cristo. Pediremos então: “Espírito de amor, criador e santificador das almas, cuja primeira obra é transformar-nos à semelhança de Jesus, ajudai-me a conformar-me com Jesus, a pensar como Jesus, a falar como Jesus, a amar como Jesus, a sofrer como Jesus, a agir em todos os momentos como Jesus”[17].

Assim, o impulso transformador do Espírito Santo nos dará um coração ardente como o de Jesus Cristo, e a missão apostólica se converterá no sangue que moverá o nosso coração. Se nos deixamos levar pelo Amor de Deus, se permanecemos atentos às Suas inspirações e damos importância a esses pequenos gestos que Ele nos indica, o apostolado torna-se a tarefa que constitui a nossa própria identidade. Não vai ser preciso que *nos proponhamos*, e também não será necessário estar num lugar ou num contexto determinados para atuar como apóstolos. Assim como quem é médico (e não só *faz de médico*), não deixa de sê-lo em nenhum lugar ou circunstância (num autocarro onde alguém se sente mal, nas férias, a meio da semana e no fim de semana, etc.), nós *somos apóstolos* em todos os lugares e circunstâncias. No fundo, trata-se de algo tão simples como ser o

que já somos: “todos aqueles que se deixam conduzir pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (*Rm* 8, 14). O mais importante é permanecermos abertos à ação do Paráclito, atentos para “reconhecer como podemos cumprir melhor a missão que nos foi confiada no Batismo”[\[18\]](#) e que constitui a realização da nossa própria vida.

[Voltar ao índice](#)

Notas

[\[1\]](#) Papa Francisco, Ex. Ap. *Gaudete et Exultate*, 19-III-2018, n. 2.

[\[2\]](#) Concílio Vaticano II, Decreto Ad Gentes, 7-XII-1965, n. 2.

[\[3\]](#) Ibid, n. 5

[\[4\]](#) S. Josemaria, Caminho, n. 904.

[\[5\]](#) A. Vázquez de Prada, O Fundador do Opus Dei, vol. 3, Quadrante, São Paulo 2004, pg 110.

[\[6\]](#) Papa Francisco, Ex. Ap. *Evangelii Gaudium*, 24-XI-2013, n. 9.

[\[7\]](#) S. Josemaria, Instrucción 19-III-1934, n. 27.

[\[8\]](#) Ibid. n. 49

[\[9\]](#) F. Ocáriz, Carta Pastoral, 14-II-2017, n. 8.

[\[10\]](#) Ibid., n. 9

[\[11\]](#) Ibid.

[\[12\]](#) O termo Igreja deriva daí, *ekklesia*, que literalmente significa “os convocados”, ou seja, “todos nós, que somos batizados e cremos em Deus, somos convocados pelo Senhor”, Youcat, n. 121.

[13] S. Josemaria, Carta 9-I-1932, n. 9.

[14] Cfr. S. Josemaria, Caminho. Edição crítico-histórica, comentário ao n. 994.

[15] F. Ocáriz, Carta Pastoral, 14-II-2017, n. 9.

[16] Papa Francisco, Ex. Ap. Evangelii. Gaudium 24-XI-2013, nn. 261 e 280, respectivamente. Neste mesmo documento, sugere-nos: “Invoquemo-Lo hoje, bem apoiados na oração, sem a qual toda a ação corre o risco de ficar vã e o anúncio, no fim de contas, carece de alma” (Ibid., N. 259).

[17] A. Riaud, A ação do Espírito Santo na alma, Quadrante, São Paulo 1998, pg 39.

[18] Papa Francisco, Ex. Ap. Gaudete et Exultate, 19-III-2018, n. 174.

Sentido de missão (II)

Lucas Buch

S. Lucas descreve vivamente a vida dos primeiros cristãos em Jerusalém depois do Pentecostes: “Como se tivessem uma só alma, frequentavam diariamente o templo, partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo. E o Senhor aumentava, todos os dias, o número dos que tinham entrado no caminho da salvação.” (At 2,46-47). Mas logo chegariam as contradições: a prisão de João e Pedro, o martírio de Estevão e, finalmente, a perseguição aberta.

Precisamente neste momento, o evangelista narra algo surpreendente: “Os que tinham sido dispersos foram de aldeia em aldeia, anunciando a palavra da Boa-Nova” (At 8,4). Chama a atenção de qualquer um ver que no momento em que as suas vidas estavam a correr sério perigo, não renunciaram a continuar a anunciar a salvação. E não é um acontecimento isolado, mas reflete um dinamismo constante. Um pouco mais adiante, há uma notícia similar: “Entretanto, os que se tinham dispersado, devido à perseguição desencadeada por causa de Estêvão, adiantaram-se até à Fenícia, Chipre e Antioquia, mas não anunciavam a palavra senão aos judeus” (At 11,19). O que movia aqueles primeiros fiéis a falar do Senhor a todos os que encontrassem, inclusive no exato momento em que fugiam de uma perseguição? O que os move é a alegria que encontraram e que preenche os seus corações: “o que nós vimos e ouvimos, isso vos anunciámos, para que também vós estejais em comunhão conosco. E nós estamos em comunhão com o Pai com seu Filho, Jesus Cristo.” (1 Jo 1,3). Anunciam simplesmente “para que a nossa alegria seja completa” (1 Jo 1,4). O Amor que cruzou os seus caminhos... deve ser compartilhado. A alegria é contagiante. E os cristãos de hoje, não poderíamos também viver isso?

A via da amizade

Um pormenor desta cena do livro dos Atos dos Apóstolos é muito significativo. Entre aqueles que se dispersaram “alguns deles, homens de Chipre e Cirene, chegando a Antioquia, falaram também aos gregos, anunciando-lhes a Boa-Nova do Senhor Jesus” (At 11,20). Os cristãos não se limitavam a grupos sociais exclusivos, nem esperavam chegar a lugares idóneos para anunciar a vida e a liberdade que haviam recebido. Cada um compartilhava a sua fé com naturalidade, no ambiente em que estava, com as pessoas que Deus colocava no seu caminho. Como Filipe com o etíope que voltava de Jerusalém, como o casal Áquila e Priscila com o jovem Apolo (cf. At 8,26-40; 18,24-26). O amor de Deus que enchia os seus corações levava-os a ter preocupação por todas essas pessoas, compartilhando com elas aquele tesouro “que nos faz grandes e pode tornar melhores e mais felizes aqueles que o recebem”[1]. Se partirmos da proximidade com Deus, poderemos dirigir-nos aos que são mais próximos de nós para compartilhar o que vivemos. Mais ainda, queremos aproximar-nos de mais pessoas para compartilhar com elas a Vida nova que o Senhor nos dá. Deste modo, agora, assim como naquela época, poderão dizer que “A mão do Senhor estava com eles e grande foi o número dos que abraçaram a fé e se converteram ao Senhor” (At 11,21).

Uma segunda ideia que podemos considerar à luz da história é que, mais do que por uma ação estrutural e organizada, a Igreja crescia – e cresce – por meio da caridade dos seus fiéis. A estrutura e a organização nasceriam mais tarde, precisamente como fruto dessa caridade e ao serviço dela. Na história da Obra vimos algo parecido. Os primeiros que seguiram S. Josemaria tinham um carinho sincero pelos outros, e esse era o ambiente em que a mensagem de Deus foi abrindo caminho. Como se conta da primeira Residência: «“Os de Luchana 33” eram amigos unidos pelo mesmo espírito cristão que o Padre transmitia. Por isso, quem se sentiu à vontade no ambiente formado ao redor de Josemaria e das pessoas que estavam junto dele, voltou. De facto, se no apartamento [da rua] Luchana se ia pela primeira vez por um convite, por outro lado permanecia-se por amizade»[2].

Recordar esses aspetos da história da Igreja e da Obra faz-nos bem quando, com o passar dos anos, as duas cresceram tanto, e existe o risco de que confiemos mais nas obras de apostolado, do que no trabalho que cada uma ou cada um pode fazer. Ultimamente o Padre tem-nos recordado: “As circunstâncias atuais da evangelização tornam ainda mais necessário, se é possível, dar prioridade ao relacionamento pessoal, este aspeto que está no centro do modo de fazer apostolado que S. Josemaria encontrou nos relatos evangélicos”[3].

Na verdade é natural que seja assim. Se o dinamismo próprio do apostolado é a caridade que é um dom de Deus, “num filho de Deus, amizade e caridade formam uma só coisa: luz divina que dá calor”[4]. A amizade é amor e, para um filho de Deus, é autêntica caridade. Por isso, não se trata de tentar ter amigos para fazer apostolado, pois a amizade e o apostolado são manifestações de um mesmo amor. Mais ainda, “a própria amizade é apostolado, a própria amizade é um diálogo em que damos e recebemos, em que os projetos surgem, num mútuo abrir de horizontes, em que nos alegramos com o que é bom e nos apoiamos mutuamente no que é difícil, em que nos divertimos, porque Deus nos quer alegres.”[5]. Não é supérfluo perguntarmo-nos: como me preocupo com os meus amigos? Compartilho com eles a alegria que procede de saber quanto Deus se importa comigo? E, por outro lado, procuro conhecer mais gente, pessoas que talvez nunca tenham conhecido um cristão para aproximá-las do Amor de Deus?

Nas encruzilhadas do mundo

“Porque, se eu anuncio o Evangelho, não é para mim motivo de glória, é antes uma obrigação que me foi imposta: ai de mim, se eu não evangelizar!” (1 Cor 9,16). Estas palavras de S. Paulo são um chamamento contínuo para a Igreja. Assim como a sua consciência de ter sido chamado por Deus para uma missão também é um modelo sempre atual: “Se o fizesse por iniciativa própria, mereceria recompensa; mas, não sendo de maneira espontânea, é um encargo que me está confiado.” (1 Cor 9,17). O apóstolo das gentes era consciente de ter sido chamado para levar o nome

de Jesus Cristo “aos pagãos, aos reis e aos filhos de Israel” (At 9,15), e por isso tinha uma santa urgência de chegar a todos eles.

Quando, na sua segunda viagem, o Espírito Santo o conduziu até a Grécia, o coração de Paulo dilatava-se e queimava na medida em que percebia a sede de Deus que havia ao seu redor. S. Lucas conta que em Atenas, enquanto esperava os seus companheiros, que tinham ficado em Bereia, “ficou revoltado ao ver aquela cidade entregue à idolatria” (At 17,16). Dirigiu-se em primeiro lugar – como costumava fazer – à Sinagoga. Mas sentiu que era pouco, e, assim que pôde, foi também à Ágora, até que os próprios atenienses lhe pediram que se dirigisse a todos para apresentar “a nova doutrina que estás expondo” (At 17,19). E assim, no Areópago de Atenas, onde se encontravam as correntes de pensamento mais atuais e influentes, Paulo anunciou o nome de Jesus Cristo.

Assim como o Apóstolo, nós também “somos chamados a contribuir, com iniciativa e espontaneidade, para melhorar o mundo e a cultura do nosso tempo, de modo a que se abram aos planos de Deus para a humanidade: *cogitationes cordis eius*, os projetos do seu coração, que permanecem de geração em geração (Sl 33, 11)”[6].

É natural que em muitos fiéis cristãos nasça o desejo de chegar a lugares que “têm tantas consequências para a Igreja e para a sociedade.”[7]. Há dois mil anos eram Atenas e Roma. Hoje, quais são esses lugares? Em todos esses lugares há cristãos que podem ser neles “o bom odor de Cristo” (2 Cor 2,15)? E nós? Não poderíamos fazer algo para nos aproximarmos daqueles lugares, que muitas vezes já não são sequer lugares físicos? Pensemos nos grandes espaços em que muitas pessoas tomam decisões importantes, vitais para as suas vidas... Mas pensemos também nos centros das nossas cidades, dos nossos bairros, dos nossos locais de trabalho. Quanto pode fazer, nesses lugares, a presença de quem promove uma visão mais justa e solidária do ser humano, que não faz diferença entre ricos e pobres, saudáveis ou doentes, conterrâneos ou estrangeiros, etc.!

Pensando bem, tudo isso faz parte da missão própria dos fiéis leigos na Igreja. Como propôs o Concílio Vaticano II, eles “são *chamados por Deus*

para que, aí, exercendo o seu próprio ofício, guiados pelo espírito evangélico, concorram para a santificação do mundo a partir de dentro, como o fermento, e deste modo manifestem Cristo aos outros, antes de mais pelo testemunho da própria vida, pela irradiação da sua fé, esperança e caridade”[8]. Esse chamamento, comum a todos os fiéis leigos, concretiza-se de modo particular naqueles que recebemos a vocação ao Opus Dei. S. Josemaria descrevia o apostolado de suas filhas e filhos como “uma injeção intravenosa na corrente circulatória da sociedade”[9]. Via-os preocupados em “levar Cristo a todos os ambientes em que se realiza trabalho humano: à fábrica, ao laboratório, ao trabalho do campo, à oficina do artesão, às ruas das grandes cidades e às veredas da montanha.”[10], colocando-O com o seu trabalho, “no cume das atividades humanas”[11].

Com o desejo de manter vivo esse traço constitutivo da Obra, o Padre animava-nos na sua primeira carta como Prelado, a “promover em todos um grande brio profissional: nos que são ainda estudantes e devem albergar um grande desejo de construir a sociedade, e nos que já exercem uma profissão; convém que, com reta intenção, fomentem a santa ambição de chegar longe e deixar marca”[12]. Não se trata de estar sempre por dentro de tudo, por uma ânsia de originalidade, mas ter consciência de que, para os fiéis do Opus Dei, “estar atualizado, compreender o mundo moderno, é uma coisa natural e instintiva, porque são eles - juntamente com os outros cidadãos, e tal como eles - quem faz nascer esse mundo e lhe dá a sua modernidade.”[13]. É uma bonita tarefa, que nos exige um empenho constante por sair do nosso pequeno mundo e levantar os olhos para o horizonte imenso da salvação: o mundo inteiro espera a presença vivificante dos cristãos! Nós, por outro lado, “quantas vezes nos sentimos instigados a deter-nos na comodidade da margem! Mas o Senhor chama-nos a navegar pelo mar adentro e lançar as redes em águas mais profundas (cf. *Lc* 5, 4). Convida-nos a gastar a nossa vida ao Seu serviço. Agarrados a Ele, temos a coragem de colocar todos os nossos carismas ao serviço dos outros. Quem dera que pudéssemos sentir-nos impelidos pelo Seu Amor (cfr. *2 Cor* 5, 14) e dizer com S. Paulo: «ai de mim se eu não evangelizar!»” (*1 Cor* 9, 16).
[14]

Disponibilidade para fazer a Obra

No coração do apóstolo, junto com o desejo de levar a Salvação a muitas pessoas, está “a solicitude por todas as igrejas!” (cfr. *2 Cor* 11,28). Desde o princípio houve necessidades na Igreja: o livro dos Atos dos Apóstolos conta como Barnabé “possuía um campo, vendeu-o e depositou o dinheiro aos pés dos apóstolos” (*At* 4,37); S. Paulo recorda em muitas das suas cartas a coleta que estava a preparar para os cristãos de Jerusalém. A Obra não foi uma exceção nem neste ponto. Apenas uma semana depois de chegar pela primeira vez a Roma, no dia 30 de junho de 1946, S. Josemaria escrevia uma carta aos membros do Conselho Geral, que na época era em Madrid: “penso ir a Madrid o mais cedo possível e depois voltar a Roma. É necessário - Ricardo![\[15\]](#) – preparar seiscentas mil pesetas, também com toda a urgência. Isto, para os nossos grandes apertos económicos, parece coisa de doidos. No entanto, é imprescindível adquirir uma casa aqui”[\[16\]](#). As necessidades económicas em relação às casas de Roma tinham acabado de começar, e, como os primeiros cristãos, todos na Obra as viam como algo muito próprio. Nos últimos anos, D. Javier costumava contar emocionado a história dos sacerdotes que chegaram ao Uruguai para começar o trabalho do Opus Dei. Depois de algum tempo no país, receberam um donativo importante, que os teria tirado do aperto em que estavam. No entanto, não duvidaram em nenhum momento em enviá-lo inteiramente para as casas de Roma.

As necessidades materiais não terminaram na vida de S. Josemaria, elas permanecem – e permanecerão – sempre. Graças a Deus, os trabalhos multiplicam-se pelo mundo inteiro, e além disso é preciso pensar na manutenção dos que já existem. Por isso, é igualmente importante que se mantenha vivo o sentido de responsabilidade comum diante dessas necessidades. Como o Padre nos recorda, “o nosso amor à Igreja levar-nos-á a procurar recursos para o desenvolvimento dos trabalhos apostólicos”[\[17\]](#). Não é questão apenas de contribuir com a nossa parte, mas acima de tudo, de que esse esforço nasça do amor que temos à Obra.

O mesmo se poderia dizer de outra manifestação maravilhosa da nossa fé na origem divina da própria chamada a fazer o Opus Dei na Terra. Conhecemos bem a alegria de S. Josemaria quando via a entrega alegre das suas filhas e dos seus filhos. Numa das suas últimas cartas, agradeceu ao

Senhor que tivessem vivido uma “disponibilidade total – dentro dos deveres do seu estado pessoal, no mundo – para o serviço de Deus na Obra”[18]. Os momentos de incerteza e dúvida pelos quais passavam a Igreja e o mundo faziam essa entrega generosa brilhar com uma luz muito especial: “jovens e não tão jovens, foram daqui para ali com a maior naturalidade, ou perseveraram fiéis e sem cansaço no mesmo lugar; mudaram de ambiente se era preciso, saíram de um trabalho e puseram os seus esforços num trabalho diferente que era mais interessante por motivos apostólicos; aprenderam coisas novas, aceitaram com gosto ocultar-se e desaparecer, deixando lugar a outros: subir e descer”[19].

Efetivamente, mesmo que o trabalho principal da Obra seja o apostolado pessoal de cada um dos seus fiéis[20], não podemos esquecer que também promove, de modo corporativo, algumas atividades sociais, educativas e beneficentes. São manifestações diferentes do mesmo amor ardente que Deus colocou nos nossos corações. Além disso, a formação que a Obra dá requer “uma certa estrutura”[21], pequena, mas imprescindível. O mesmo sentido de missão que nos leva a aproximarmo-nos de muitas pessoas, e a procurar ser fermento nos centros de decisão da vida humana, mantém em nós uma sã preocupação por essas necessidades de toda a Obra.

Muitos fiéis do Opus Dei – solteiros ou casados – dedicam-se a trabalhos apostólicos de diferentes tipos. Alguns encarregam-se de tarefas de formação e governo da Obra. Embora não seja essa a essência da sua vocação, estar aberto a esses encargos faz parte do seu modo concreto de ser do Opus Dei. Por isso, o Padre os anima a ter, junto com um grande entusiasmo profissional, “disponibilidade ativa e generosa para se dedicarem, quando necessário, às tarefas de formação e de governo com idêntico brio profissional.”[22]. Não se trata de aceitar essas tarefas como um encargo imposto, que não tem nada a ver com a própria vida. Pelo contrário, é algo que nasce da consciência de ter sido chamado por Deus para uma tarefa grande e, como S. Paulo, de querer fazer-se “escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível” (cfr. 1 Cor 9,19). Essas tarefas são, de facto, “um trabalho profissional, que exige uma capacitação específica e cuidadosa”[23]. Por isso, quando se aceitam encargos deste tipo, são recebidos com *sentido de missão*, para vivê-los com o desejo de

contribuir com seu “grãozinho de areia”. E, pela mesma razão, não saem do mundo para isso, esse será o modo como permanecerão no meio do mundo, reconciliando-o com Deus, e o *eixo* em torno do qual vai girar a sua santificação.

Na primeira Igreja, os discípulos tinham “um só coração e uma só alma” (At 4,32). Viviam pendentes uns dos outros, com uma encantadora fraternidade: “Quem é fraco, sem que eu o seja também? Quem tropeça, sem que eu me sinta queimar de dor?” (2 Cor 11,29). De onde tinham encontrado a alegria do Evangelho, dali enchiam o mundo de luz. Todos sentiam a preocupação de aproximar muitas pessoas da Salvação cristã. Todos desejavam colaborar com os apóstolos: com a sua própria vida entregue, com a sua hospitalidade, com ajudas materiais, ou colocando-se ao seu serviço, como os companheiros de viagem de Paulo. Não é um quadro do passado, mas sim uma maravilhosa realidade, que vemos encarnada na Igreja e na Obra, e que estamos chamados a encarnar hoje, com toda a atualidade da nossa livre correspondência ao dom de Deus.

[Voltar ao índice](#)

Notas

[1] Papa Francisco, Ex. Ap. *Gaudete et Exultate*, 19-III-2018, n. 131.

[2] J. L. González Gullón, *DYA-La Academia y Residencia en la historia del Opus Dei (1933-1939)*, Rialp, Madrid, p. 196.

[3] F. Ocáriz, *Carta pastoral*, 14-II-2017, n. 9.

[4] S. Josemaria, *Forja*, n. 565.

[5] F. Ocáriz, *Carta pastoral*, 9-I-2018, n. 14.

[6] F. Ocáriz, *Carta pastoral*, 14-II-2017, n. 8.

[7] Ibid., n. 29.

[8] Concílio Vaticano II, Const. dogm. *Lumen gentium*, n. 31.

[9] S. Josemaria, *Instrucción*, 19-III-1934, n. 42.

[10] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 105.

[11] Ibid., n. 183.

[12] F. Ocáriz, *Carta pastoral*, 14-II-2017, n. 8.

[13] S. Josemaria, *Temas Atuais do Cristianismo*, n. 26.

[14] Papa Francisco, Ex. Ap. *Gaudete et Exultate*, 19-III-2018, n. 130.

[15] Ricardo Fernández Vallespín era, naquela época, o Administrador Geral da Obra e, portanto, quem tinha o encargo de velar pelas necessidades económicas.

[16] A. Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, vol. III, Verbo, Lisboa.

[17] F. Ocáriz, *Carta pastoral*, 14-II-2017, n. 8.

[18] S. Josemaria, *Carta* 14-II-1974, n. 5.

[19] Ibid.

[20] S. Josemaria, *Temas Atuais do Cristianismo*, n. 51.

[21] Ibid., n. 63.

[22] F. Ocáriz, *Carta pastoral*, 14-II-2017, n. 8.

[23] S. Josemaria, *Carta* 29-IX-1957, n. 9.

Agradar a Deus

Diego Zalbidea

Em plena guerra civil espanhola, depois de vários meses escondido em diversos lugares, S. Josemaria decidiu abandonar a capital do país. Era preciso encontrar um local onde a sua vida não corresse perigo, e recomeçar de novo a sua missão apostólica. Com um grupo de filhos espirituais seus, atravessou os Pireneus numa viagem cheia de perigos e conseguiu chegar a Andorra. Após passar por Lourdes, dirigiu-se a Pamplona, onde o Bispo o acolheu e lhe ofereceu alojamento. Ali, pouco depois de chegar, no Natal de 1937, fez um retiro em solidão. Num momento de oração, escrevia: «Meditação: muita frieza: ao princípio, brilhou só o desejo pueril de que "o meu Pai-Deus fique contente, quando me tiver que julgar". — Depois, uma forte sacudidela: "Jesus, diz-me algo!", muitas vezes recitada, cheia de pena diante do gelo interior. — E uma invocação à minha Mãe do céu — "Mamã!" — e aos Anjos da Guarda, e aos meus filhos que estão a gozar de Deus... e, então, lágrimas abundantes e clamores... e oração. Propósitos: "ser fiel ao horário, na vida corrente"» [1]

São umas notas íntimas em que explica como se sente a sua alma, como são os seus afetos, o estado de alma, e fá-lo com grande intensidade: gelo, lágrimas, desejos... procura amparo nos seus Amores: o Pai, Jesus, Maria e surpreendentemente, no meio da grande tribulação externa que se vivia nesse momento, faz um propósito que poderia parecer mínimo: cuidar do horário na vida corrente. Sem dúvida, esta é uma das grandezas de S. Josemaria: conjugar uma relação afetiva com Deus, íntima e apaixonada, com a fidelidade na luta diária em coisas correntes, aparentemente insignificantes.

Um risco para quem deseja agradar a Deus

Agradar a alguém é o contrário de entristecer, de decepcionar essa pessoa. Como queremos amar a Deus e agradar-Lhe, é lógico que tenhamos medo de O defraudar. No entanto, por vezes, o medo pode trazer à nossa mente e ao nosso coração precisamente o que procuramos evitar. Por outro lado, o medo é um sentimento *negativo*, que não pode ser fundamento de uma vida plena. Talvez por isso «nas Sagradas Escrituras encontramos 365 vezes a expressão “não temas”, com todas as seus cambiantes. Como se quisesse dizer que todos os dias do ano o Senhor nos quer livres do temor»[2].

Há uma forma de temor contra a qual o Padre nos alertava no início da sua primeira Carta. Animava-nos a «expor o ideal da vida cristã sem o confundir com o perfeccionismo, ensinando a conviver com a debilidade própria e a dos outros; assumir, com todas as suas consequências, uma atitude quotidiana de abandono esperançado, baseada na filiação divina»[3]. Uma pessoa santa teme ofender a Deus. Teme igualmente não corresponder ao seu Amor. O perfeccionista, pelo contrário, teme não estar a fazer as coisas suficientemente bem e, por isso, teme que Deus esteja desgostado. Não é a mesma coisa, santidade e perfeccionismo, embora por vezes os possamos confundir.

Quantas vezes nos aborrecemos ao considerar que nos deixámos levar, uma vez mais, pelas nossas paixões, que voltámos a pecar, que somos débeis para cumprir os propósitos mais simples. Aborrecemo-nos e chegamos a pensar que Deus está decepcionado: perdemos a esperança de que possa continuar a amar-nos, de que realmente possamos viver uma vida cristã. Invade-nos a tristeza. Nessas ocasiões, convém recordar que esta é aliada do inimigo: não nos aproxima de Deus, antes nos afasta d’Ele. Confundimos o nosso aborrecimento e o nosso desânimo com uma suposta *deceção de Deus*. Mas a origem de tudo isso não é o Amor que Lhe temos, mas o *nosso eu ferido*, a nossa fragilidade não aceite.

Ao ler dos lábios de Cristo no Evangelho: «Sede perfeitos», desejamos seguir esse conselho, fazê-lo vida nossa, mas corremos o risco de o entender como: «Fazei tudo perfeitamente». Podemos chegar a pensar que, se não fizermos tudo com perfeição, não agradamos a Deus, não somos autênticos discípulos. Contudo, Jesus esclarece logo a seguir o sentido das

suas palavras: «Sede perfeitos como o vosso Pai celestial é perfeito» (Mt 5,48). Trata-se da perfeição que Deus nos abre ao fazer-nos participantes da sua natureza divina. Trata-se da perfeição do Amor eterno, do Amor maior, do «Amor que move o Sol e as demais estrelas» [4], o mesmo Amor que nos criou livres e nos salvou «sendo ainda pecadores» (Ro 5,8). Para nós, essa perfeição consiste em viver como filhos de Deus, conscientes do valor que temos aos seus olhos, sem nunca perder a esperança nem a alegria que nasce de nos sentirmos filhos de tão bom Pai.

Diante do perigo do perfeccionismo podemos considerar que agradar a Deus não está nas nossas mãos, mas sim nas d'Ele. «Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que Ele nos amou» (1 Jo 4,10). Por isso, devemos renunciar a indicar a Deus como tem que reagir diante da nossa vida. Somos criaturas e, por isso, temos de aprender a respeitar a Sua liberdade, sem Lhe impor *porquê* ou *porque não* achamos que deve amar-nos. De facto, demonstrou-nos o seu Amor e, por isso, a primeira coisa que espera de nós é que e O deixemos amar-nos, a Seu modo.

Deus ama-nos livremente

Porque nos custa tanto compreender a lógica de Deus? Não temos demonstrações suficientes de até onde está Deus Pai disposto a chegar para conseguir fazer-nos felizes? Não é verdade que Jesus se cinge com a toalha diante dos apóstolos e lhes lava os pés?

Em palavras de S. Paulo, Deus não perdoou ao seu próprio Filho para nos tornar possível a felicidade para sempre (cfr. Ro 8,32). Quis amar-nos com o Amor maior, até ao extremo. No entanto, às vezes, nós continuamos a pensar que Deus nos amará na medida em que «estivermos à altura», ou sejamos capazes de «dar a medida que se espera». Não deixa de ser paradoxal. Uma criança pequena necessita de se fazer «merecedora» do amor dos seus pais? Porventura quem estamos a procurar com tanta preocupação por «merecer» é a nós próprios. Domina-nos a insegurança, a necessidade de buscar pontos de referência estáveis, fixos, e pretendemos

encontrá-los nas nossas obras, nas nossas ideias, na nossa percepção da realidade.

Pelo contrário, basta-nos olhar para Deus, nosso Pai, e descansar no seu Amor. No Batismo de Jesus e na sua Transfiguração, a voz de Deus Pai refere que se compraz no seu Filho. Nós também fomos batizados e, pela sua Paixão, participamos da sua vida íntima, dos seus méritos, da sua graça. Isso faz com que Deus Pai nos possa olhar comprazido, encantado. A Eucaristia transmite-nos, entre outras coisas, uma mensagem muito clara sobre o que Deus sente por nós: tem fome de estar junto de cada um, entusiasmo por esperar por nós o tempo que for preciso, desejoso de intimidade e de amor correspondido.

A luta de uma alma enamorada

Descobrir o Amor que Deus nos tem é o maior motivo que podemos encontrar para amar. De igual modo, «a primeira motivação para evangelizar é o amor de Jesus que recebemos, essa experiência de ser salvos por Ele que nos move a amá-Lo sempre mais» [5]. Não são ideias abstratas. Vemo-lo em exemplos tão humanos como o endemoninhado de Gerasa, que, depois de ser libertado por Jesus e ver como os seus conterrâneos recusam o Mestre, «suplicava-lhe que ficasse com ele» (Mc 5,18). Vemo-lo também em Bartimeu que, depois de ser curado da sua cegueira, «O seguia pelo caminho» (Mc 10,52). Vemo-lo finalmente em Pedro, que só depois de ter descoberto a profundidade do Amor de Jesus, que lhe perdoa e confia nele depois da sua traição, pode seguir a sua chamada: «Segue-me» (Jo 21,19). A descoberta do Amor de Deus é o motor mais poderoso para a nossa vida cristã. Daí nasce a nossa luta.

S. Josemaria animava-nos a considerá-lo na perspetiva da nossa filiação divina: «Os filhos... Como procuram comportar-se dignamente quando estão diante dos seus pais! E os filhos de Reis, diante do seu pai, o Rei, como procuram guardar a dignidade da realeza! E tu... não sabes que estás sempre diante do Grande Rei, o teu Pai-Deus?» [6]. A presença de Deus não enche de temor os seus filhos. Nem sequer quando caem. Simplesmente, porque Ele mesmo nos quis dizer, do modo mais claro

possível, que também quando caímos, está à nossa espera. Como o pai da parábola, está desejoso de vir ao nosso encontro quando o deixamos, e lançar-se a nós num abraço e encher-nos de beijos (cf. *Lc 15,20*).

Perante o possível temor de contristar Deus, podemos perguntar-nos: este temor une-me a Deus, faz-me pensar mais n'Ele, ou centra-me em mim: nas minhas expectativas, na minha luta, nos meus êxitos? Leva-me a pedir perdão a Deus na Confissão, encher-nos de alegria ao saber que me perdoa, ou conduz-me à desesperança? Serve-me para recomeçar com alegria, ou fecha-me na minha tristeza, nos meus sentimentos de impotência, na frustração que nasce de uma luta baseada nas minhas forças... e nos resultados que *consigo*?

O sorriso de Maria

Um acontecimento da vida de S. Josemaria pode servir-nos para compreender isto melhor. Trata-se de uma das anotações sobre a sua vida interior que escrevia para tornar mais simples a tarefa do seu diretor espiritual. Embora seja um pouco longa, vale a pena citá-la na íntegra:

«Esta manhã — como sempre que o peço humildemente, seja qual for a hora a que me deite —, acordei de um sono profundo, como se me chamassem, com a certeza absoluta de que tinha chegado o momento de me levantar. Efetivamente, eram seis menos um quarto. Ontem à noite, também como de costume, pedi ao Senhor que me desse forças para vencer a preguiça, ao acordar, porque — confesso-o, para minha vergonha — custame enormemente uma coisa tão pequena e são bastantes os dias, em que, apesar dessa chamada sobrenatural, fico um tempo mais na cama. Hoje rezei, ao ver as horas, lutei... e fiquei deitado. Por fim, às seis e um quarto do meu despertador (que está estragado há algum tempo) levantei-me e, cheio de humilhação, prostrei-me por terra, reconhecendo a minha falta - *serviam!* -, vesti-me e comecei a minha meditação. Pois bem: entre as seis e meia e as sete menos um quarto vi, durante bastante tempo, o rosto da minha Virgem dos Beijosencher-se de alegria, de gozo. Reparei bem: julguei que sorria, porque era esse o efeito, mas os lábios não se mexiam. Muito tranquilo, disse à minha Mãe muitos galanteios» [7].

Tinha-se proposto algo que talvez também para nós suponha, algumas vezes, uma luta: levantar-se pontualmente. E não o tinha conseguido. Era algo que o humilhava. No entanto, não confunde o seu desalento e a sua humilhação com a magnanimidade do coração de Deus. E viu Nossa Senhora que lhe sorria, depois desse fracasso. Não é verdade que tendemos a pensar que Deus está contente connosco quando — e, às vezes, somente quando — fazemos as coisas bem? Porque confundimos a nossa satisfação pessoal com o sorriso de Deus, com a Sua ternura e o seu carinho? Não se comove igualmente quando nos levantamos outra vez depois de uma nova queda?

Muitas vezes teremos dito a Nossa Senhora que fale bem de nós ao Senhor – *ut loquaris pro nobis bona*. Uma vez por outra, teremos mesmo imaginado essas conversas entre Ela e o Seu Filho. Na nossa oração, bem podemos introduzir-nos nessa intimidade e procurar contemplar o amor de Maria e de Jesus por cada um de nós.

«Procurar o sorriso de Maria não é sentimentalismo devoto ou desfasado, é antes a expressão justa da relação viva e profundamente humana que nos une com aquela que Cristo nos deu como Mãe. Desejar contemplar o sorriso de Nossa Senhora não é deixar-se levar por uma imaginação descontrolada»[8]. Bento XVI recordou-o em Lourdes, falando da pequena Bernadette. Na sua primeira aparição, antes de se apresentar como Imaculada, Nossa Senhora sorriu somente. «Maria deu-lhe a conhecer primeiro o seu sorriso, como se fosse a porta de entrada mais adequada para a revelação do seu mistério»[9].

Nós queremos ver e viver também nesse sorriso. Os nossos erros — por grandes que possam chegar a ser — não são capazes de o apagar. Se nos levantamos de novo, podemos procurar com o nosso olhar o Seu e voltaremos a ser contagiados pela Sua alegria.

[Voltar ao índice](#)

Notas

[1] *Caminho. Edição crítico-histórica*, nota ao n. 746.

[2] Papa Francisco, *Mensagem do Papa Francisco para a XXXIII Jornada Mundial da Juventude*, 25-III-2018.

[3] F. Ocáriz, *Carta pastoral*, 14-II-2017, n. 8.

[4] Dante A., *Divina Comédia, Paraíso*, Canto 33.

[5] Francisco, *Ex. Ap. Evangelii Gaudium*, 24-XI-2013, n. 264.

[6] S. Josemaria, *Caminho*, n. 265.

[7] S. Josemaria, *Apontamentos íntimos*, n. 701; em A. Vázquez de Prada, Josemaria Escrivá (Ed. Verbo; Lisboa 2002) vol. I, nt. 139, p. 426.

[8] Bento XVI, *Homilia*, 15-IX-2008.

[9] *Idem*.